

EDUARDO ANDRÉS MEJÍA TORO

**ÁNGEL RAMA E ANTONIO CANDIDO: DE UM SISTEMA LITERÁRIO PARA
O BRASIL À CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA PARA A AMÉRICA
LATINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Belo Horizonte

2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

R165.Ym-a Mejía Toro, Eduardo Andrés.
 Ángel Rama e Antonio Candido [manuscrito] : de um *sistema literário* para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina / Eduardo Andrés Mejía Toro. – 2014.
 97 f., enc.

 Orientador: Rômulo Monte Alto.

 Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

 Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

 Bibliografia: f. 93-97.

 1. Rama, Ángel, 1926- – Crítica e interpretação – Teses. 2. Candido, Antonio, 1918- – Crítica e interpretação – Teses. 3. Literatura latino-americana – História e crítica – Teses. 4. Literatura e sociedade – Teses. 5. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. 6. Brasil – Vida intelectual – Teses. 7. América Latina Vida intelectual – Teses. 8. Transculturação – Teses. I. Monte Alto, Rômulo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: A860.9

EDUARDO ANDRÉS MEJÍA TORO

**ÁNGEL RAMA E ANTONIO CANDIDO: DE UM SISTEMA LITERÁRIO PARA
O BRASIL À CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA PARA A AMÉRICA
LATINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Rômulo Monte Alto

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2014

Dissertação intitulada *Ángel Rama e Antonio Candido: de um 'sistema literário' para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*, de autoria do Mestrando EDUARDO ANDRES MEJIA TORO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



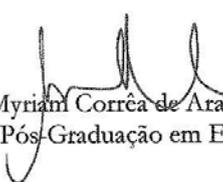
Prof. Dr. Rômulo Monte Alto - FALE/UFMG - Orientador



Prof.ª Dra. Haydée Ribeiro Coelho - FALE/UFMG



Prof.ª Dra. Roseli Barros Cunha - UFC


Prof.ª Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2014.

Agradecimentos

À minha família, principalmente à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, com quem aprendi a ler e a sonhar. Obrigado por seu amor, exemplo de força e determinação. À Armonía, por me abrir as portas do Brasil e por me ensinar que o amor não se cria e nem se destrói, apenas se transforma.

Ao meu prezado orientador, Prof. Dr. Rômulo Monte Alto, obrigado por acreditar em mim desde o começo, por me ensinar, desde os seus projetos andinos, que é possível acreditar na integração cultural da América Latina. Pela sua amizade e apoio, obrigado.

Às professoras Haydée Ribeiro Coelho e Roseli Barros Cunha, por sempre se mostrarem dispostas a me iluminar os percursos latino-americanos no Brasil, por participarem da banca examinadora e, sobretudo, por me beneficiarem com seu trabalho crítico tão representativo na construção de uma literatura latino-americana.

Aos meus amigos mineiros e colombianos em BH pela companhia, apoio, carinho e amizade, além de me brindarem com as palavras certas nos momentos incertos. Obrigado demais. Aos meus caros revisores, Raimundo Sousa e Marcelo Palmeira cúmplices desta dissertação, por seus comentários críticos e, sobretudo, pela sua amizade.

Ao Prof. Dr. Iván Padilla Chasing, meu mestre, obrigado por ser o artífice de cada um dos meus méritos acadêmicos, pela amizade, exemplo e confiança. Sempre serei grato.

Ao “Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação, PEC-PG, da CAPES/CNPq Brasil”, por apoiar e financiar esta dissertação e, especialmente, por contribuir, com seu trabalho, para a integração continental. Obrigado sempre.

Una literatura nace siempre frente a una realidad histórica y, a menudo, contra esa realidad. La nuestra no es una excepción a esa regla. Su carácter singular reside en que la realidad contra la que se levanta es una utopía. Nuestra literatura es la respuesta de la realidad real de los americanos a la realidad utópica de América

Octavio Paz

Una historia social de la literatura constituye una exigencia urgente no solamente porque, como dijo Pedro Henríquez Ureña, cada generación debe escribir de nuevo la historia de la literatura, sino porque un conocimiento más exacto de nuestras letras, de su valor y de su sentido, clarifica nuestra situación histórica, hace más transparente y segura nuestra consciencia de ella.

Rafael Gutiérrez Girardot

**ÁNGEL RAMA E ANTONIO CANDIDO: de um *sistema literário* para o Brasil
à construção de uma literatura para a América Latina**

Resumo

O diálogo que estabelecem Antonio Candido e Ángel Rama tenta integrar o pensamento brasileiro dentro de uma tradição literária da América Latina. Esta dissertação pretende revisitar a crítica sobre este diálogo intelectual, como tentativa de integração das narrativas continentais. Para isso, comparam-se os pontos de contato que apresentam os dois críticos, a partir do conceito de “sistema literário” no projeto transculturador de Rama.

Palavras-chave:

Sistema literário; Transculturação narrativa; Comarca cultural; Antonio Candido; Ángel Rama.

**Ángel Rama y Antonio Candido: de un *sistema literario* para el Brasil a
la construcción de una literatura para América Latina**

Resumen

El diálogo que establecen Antonio Cándido y Ángel Rama busca integrar el pensamiento brasileño dentro de una tradición literaria latinoamericana. Esta disertación pretende revisitar a crítica sobre este diálogo intelectual como tentativa de integración de las narrativas continentales. Para ello se comparan los puntos en contacto que presentan ambos críticos a partir del concepto de “sistema literario” en el proyecto transculturador de Rama.

Palabras Clave:

Sistema literario; Transculturación narrativa; Comarca cultural; Antonio Candido; Ángel Rama.

**Angel Rama and Antonio Candido: From a *literary system* for Brazil to the
construction of a literature for Latin America**

Abstract

The relationship between Antonio Candido and Ángel Rama intended to integrate the Brazilian thought with a literary Latin American tradition. This dissertation aims to explore the critic about this intellectual dialogue as an attempt to integrate continental narratives. For this, we compare, through the concept of “literary system” in Rama’s transculturating project, the contact points that both critics have in common.

Keywords:

Literary system; Narrative transculturation; Cultural comarca; Antonio Candido; Ángel Rama.

Sumário

Introdução	10
1. Antonio Candido e a crítica da literatura e da cultura	21
1.1 Antonio Candido e a formação de um sistema literário como método	22
1.2 Um sistema literário para o Brasil	27
1.3 Candido e a questão “Nacional”	33
1.4 O percurso crítico dos conceitos de Candido na América Latina	47
2. Ángel Rama: para uma literatura latino-americana	56
2.1 O “sistema literário” de Candido na perspectiva de Rama	62
2.1.1 Ángel Rama e Darcy Ribeiro: confluências culturais	68
2.1.2 Do conceito de “supra-regional” ao de “comarca cultural”	72
2.2 Vanguardismo e modernismo: fundadores da autonomia literária	75
2.3 O conceito de “Transculturação narrativa” em Rama	79
2.4 Biblioteca Ayacucho: um precedente latino-americano	85
Considerações finais	90
Referências	93

Introdução

Antonio Candido (1918-) e Ángel Rama (1926-1983), dois dos mais representativos intelectuais latino-americanos do século XX, coadunam em sua experiência e trajetória crítica em muitos aspectos. Talvez o ponto de confluência mais importante entre ambos seja o empenho em definir uma “tradição” e um “sistema literário” na abordagem dos problemas literários a partir de um horizonte, brasileiro, no caso do primeiro, e latino-americano, no caso do segundo. Os dois trataram de construir, mediante diferentes conceitos, um espaço crítico, graças ao qual a América Latina foi concebida como um território de significações históricas e culturais comuns, capaz de articular sua heterogeneidade em uma estrutura global. Mais de meio século se passou desde o primeiro encontro desses dois críticos em 1960, até que hoje, segundo Grínor Rojo, é possível ler o trabalho de ambos como uma “corrida de revezamento”,¹ pois conceitos como “sistema literário” ou “supra-regional”, que aparecem inicialmente em *Formação da literatura brasileira* (1959) e em *Literatura e sociedade* (1965), de Candido, são fortalecidos por Rama em ensaios como “La construcción de una literatura” (1960) e “Diez problemas para un novelista latinoamericano” (1964), até a sua superação em obras fundamentais como *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) e *La ciudad letrada* (1984), obra póstuma.

É objeto desta dissertação rastrear o percurso crítico dos conceitos “sistema literário”, “supra-regional” e “formação” de Antonio Candido na obra de Ángel Rama, no estabelecimento de novos caminhos conceituais na teoria literária latino-americana. Assim, primeiramente, abordarei o caso de Antonio Candido e os conceitos que o autor utiliza na procura de uma compreensão da “formação” do “sistema literário” brasileiro e, logo depois, enfocarei o caso de Ángel Rama e sua leitura dos conceitos de Candido

¹ Na visão de Grínor Rojo (2007, p. 7) a “carrera de postas” (corrida de revezamento) seria uma alegoria da trajetória dos conceitos desses críticos, que traçando percursos diferentes contribuíram para um projeto comum.

para a literatura latino-americana. Apesar de considerar também o papel de Darcy Ribeiro nas teorizações de Rama, a ênfase se manterá no diálogo intelectual entre Candido e Rama por se tratar de conceitos pensados para a crítica literária. Deste modo, este trabalho dará especial atenção aos conceitos de Candido e o seu percurso e evolução na obra de Rama.

Nessa perspectiva, discutirei os respectivos conceitos do crítico brasileiro e do autor uruguaio em torno de duas perguntas centrais: Qual foi o percurso crítico dos conceitos de Candido no projeto de Rama que lhe permitiram postular uma literatura latino-americana múltipla e plural? Como pensar um “sistema literário” para as narrativas da América Latina?

Antecedentes da conceitualização do “sistema literário” latino-americano

Nos estudos literários hispano-americanos, é lugar-comum falar da América Latina como se fosse uma unidade bem consolidada, utilizando-se esse conceito regional para significar esteticamente um grupo indistinto de literaturas que supostamente convergiriam em torno de um mesmo princípio de identidade. É usual, por exemplo, vincular, com esse termo, as literaturas predominantes das nações americanas que compartilham a tradição hispânica, deixando de fora regiões com universos linguísticos tão importantes para o continente,² como o francês, o português ou o holandês, para não falar das línguas indígenas, como o aimará, o guarani e o quéchua, entre outras. Por isso, na grande maioria dos seminários de literatura latino-americana, a ênfase recai sobre as culturas livrescas predominantes no continente, Argentina ou México, por mais que, algumas vezes, algum autor excepcional seja resgatado para falar dos territórios menos letrados – leiam-se Lezama Lima (1910-1976)

² Apesar de a América Latina ser lida como um subcontinente geograficamente, para esta dissertação, se considerará a América Latina desde um viés cultural o que permite nomeá-la como um continente.

ou Augusto Roa Bastos (1917-2005), por exemplo. Os escritores brasileiros, nessa perspectiva, são excluídos desde o começo do suposto grupo latino-americano e são estudados – quando o são – como um fenômeno à parte, negando-se de entrada, com isso, uma tradição de integração continental. O curioso, pelo menos no Brasil, é que aqui, geralmente, mantém essa fronteira.

A aparição das histórias literárias na América Hispânica coincide com a consolidação dos Estados nacionais. Essas histórias participam na constituição dos projetos de unidade nacional e mesmo continental. Iván Padilla tem observado, por exemplo, a maneira como, ao tomar consciência da produção literária de algumas das nações latino-americanas, os historiadores conferiram ênfase a valores simbólicos da identidade comum, organizados em torno da língua, dos costumes ou da religião:

La aparición de las historias de la literatura en las jóvenes repúblicas americanas da cuenta de los cambios histórico-filosóficos que viven las naciones americanas precisamente en el proceso de transformación de los rezagos del mundo colonial y la constitución de los Estados libres e independientes. Si bien en todas estas historias se piensa la literatura como un ente histórico social imprescindible para configurar la idea de lo nacional y de lo americano, las etiquetas utilizadas para designarlas son más que simples denominaciones y encierran proyectos de unidad que en sí contienen diferencias ideológicas propias de las circunstancias históricas de cada región, diversas maneras de concebir el mundo, así como disímiles tipos de consciencia histórica que revelan la dificultad de definir las identidades hispanoamericanas (PADILLA, 2010, p. 125).³

³ “A aparição das histórias da literatura nas jovens repúblicas americanas dá conta das mudanças históricas e filosóficas em que vivem essas nações, precisamente no processo de transformação das defasagens do mundo colonial e da constituição dos Estados livres e independentes. Já que em todas essas histórias se pensa a literatura como um ente histórico social essencial para configurar a ideia do nacional e do americano, as etiquetas utilizadas para designá-las são mais que simples denominações e encerram projetos de unidade em que se contem diferenças ideológicas próprias das circunstâncias históricas de cada região, oferecendo diversas maneiras de conceber o mundo, assim como diferentes tipos de consciência histórica que revelam a dificuldade de definir as identidades da América Hispânica”. (Todas as traduções, se não sinalizadas, referentes às citações deste trabalho, são de minha responsabilidade). Padilla estuda, no caso da Colômbia, a *Historia de la literatura en Nueva Granada* (1867), de José María Vergara y Vergara; no caso do México, a *Historia crítica de la literatura y de las ciencias en México, desde la conquista hasta nuestros días* (1885), de Francisco Pimentel; no caso do Chile, a *Historia de la literatura colonial de Chile* (1878), de José Toribio Medina; e, no caso do Equador, a *Ojeada histórico-crítica sobre la poesía ecuatoriana desde su época más remota hasta nuestros días* (1868), de Juan León Mera. O autor parte da ideia de que nas nações hispano-americanas a criação das histórias literárias foi assumida pelas oligarquias representantes do pensamento liberal e conservador. Segundo o autor, essas formas de pensamento projetaram, por meio de histórias da literatura e ensaios programáticos, sistemas de valores que conformaram o debate intelectual da época.

O que em muitos casos se desconhece é que esse ideário de integração “continental” não foi alheio ao Brasil. Porém, aqui tomou um matiz diferente: primeiro, pela diferença linguística e também pelo seu passado imperial.⁴ Desde muito cedo, existiu nesses dois lados do continente a preocupação em se integrar num projeto comum; no Brasil, como se verá ao longo deste texto, aparece uma série de ensaios programáticos que propalam a necessidade de integrar sua produção literária ao restante da América Latina. Por mais que autores como José Veríssimo (1857-1916), Baldomero Sanín Cano (1861-1957), Rubén Darío (1867-1916), Manuel Bomfim (1868-1932), Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), José Enrique Rodó (1871-1917), Alfonso Reyes (1889-1959), Mário de Andrade (1893-1945), Manuel Bandeira (1886-1968), Gilberto Freyre (1900-1987), Emir Rodríguez Monegal (1921-1985) ou Haroldo de Campos (1929-2003) realizassem diversas tentativas de estudar o latino-americano em uma perspectiva que integrasse o Brasil, somente depois do trabalho crítico de Rama toma força a interpretação que integra o Brasil dentro do sistema literário latino-americano. Por isso, é pertinente rastrear o percurso crítico e ideológico das pontes conceituais que permitiram a construção desses conceitos de integração continental.

Com o descobrimento da América, Portugal e Espanha marcaram o destino das nações centro e sul-americanas. Os dois impérios marítimos dividiram entre si as terras de ultramar do Novo Mundo, por meio da definição dos limites no Tratado de Tordesilhas, assinado em 14 de junho de 1494. Essa linha imaginária situada a 370 léguas do oeste das ilhas de Cabo Verde, no Oceano Atlântico, estabeleceu os domínios de cada um dos países, trazendo, com isso, como reflexo, a mesma fronteira linguística: nem falamos espanhol, *ni hablamos portugués*.

⁴ “La excepción es Brasil. El hecho de que prácticamente sea un continente aparte, que disponga de una lengua propia, más la decadencia larga de Portugal, la conmixión racial original del país, ha contribuido fuertemente a desarrollar los rasgos nacionales, instaurando una literatura de las más diferenciadas, autónomas, ‘nacionales’ que haya dado el continente” (RAMA, [1972], 1986, p. 51).

Se tomamos como certo que o conceito *América Latina* foi criado na França, por Michel Chevalier em 1836,⁵ com uma perspectiva integracionista, desde sua origem esse conceito representou uma questão problemática para o Império do Brasil (1822-1889), nas palavras do escritor e diplomata Joaquim Nabuco (1849-1910) em *A questão da América Latina* (1901):

Se se assumisse o tipo sul-americano, a sociedade brasileira, criada na paz e na moleza da escravidão e da liberdade monárquica enervada por uma ausência total de perigo em mais de cinquenta anos [...] faria renúncia da sua liberdade, dos seus interesses, das suas propriedades [...]. A manutenção de um vasto continente em estado de desgoverno, de anarquia, é um fato que dentro de certo tempo a de atrair forçosamente a atenção do mundo, como afinal a atraiu o desaproveitamento da África. Como se fará a redenção dos países centro e sul-americanos? (NABUCO, 2010, p. 305).

Pouco mais de meio século depois da criação do conceito (56 anos), com a queda do Império, reaparecerá no Brasil, agora República, uma interpretação cultural do termo com a obra *A América latina: males de origem* (1903), de Manuel Bomfim (1868-1932), na qual se destaca mais o subtítulo do que o próprio título, pois o autor reconhece na integração do sul do continente um grave problema de identidade:

A opinião pública europeia sabe que existe a América Latina... e sabe mais: que é um pedaço de continente muito extenso, povoado por gentes espanholas, continente riquíssimo, e cujas populações revoltam-se frequentemente. Essas coisas, porém, já lhe aparecem num vago mal limitado; riquezas, terras vastas, revoluções e povos, tudo se confunde para formar um mundo lendário, de lendas sem grande encanto porque lhes falta o prestígio da ancianidade. Onde estão essas riquezas, o que valem; como se fazem as revoluções, quem as faz, onde as fazem: são questões que se não definem, sequer, no obscuro longínquo desta visão única – a América do Sul... É dela que se fala. Mesmo quando venham nomes particularizados – Peru, Venezuela, Uruguai... Não importa: o que está ali, a imagem que se tem na mente é a da América do Sul (BOMFIM, 2008, p.4).

⁵ No campo literário, o primeiro autor a mencionar a ideia de América Latina foi o colombiano José María Torres Caicedo: “O desenvolvimento das ideias sobre a América Latina, na convergência de tempos e espaços históricos, é cartografado por Arturo Ardao, que nomeia, explica e situa autores, respectivas obras e ações. Nesse sentido, focaliza, inicialmente, a atuação de José María Torres Caicedo, responsável por lançar em Paris, em 1861, a base da ‘Liga Latino-Americana’, fundar a Sociedade Latino-Americana (1879) e escrever um ensaio contra o panamericanismo (1882), dentre outras ações. Com a morte de Caicedo (1889), ‘terminou a etapa fundacional do latino-americanismo’” (COELHO, 2012).

Historicamente, é possível perceber alguns lampejos de integração continental, como a forte relação com a mitologia indígena dos Andes presente em *O Guesa errante* (1888), de Sousândrade, ou os trabalhos diplomáticos de Guimarães Rosa (1908-1967) em Bogotá ou de Alfonso Reyes (1889-1959) no Rio de Janeiro, entre outros. Contudo, essas pequenas bases não permitiram a construção de um “sistema literário”, entendido como um conjunto dinâmico de obras, autores e leitores, para o continente.

Para a crítica da literatura e da cultura da América Latina, esse continente se constituiu, mais do que como um território, como um projeto estético, cultural, ideológico e político inacabado. Desde o Século XIX, durante a formação das identidades nacionais e literárias dos países que a compõem, grande parte dos autores sentiu a preocupação de reinterpretar esse projeto e, por isso, a “América Latina” como conceito foi uma espécie de veículo que parecia dar legitimidade ao estudo dos processos locais: na Argentina destaca-se Sarmiento (1811-1888), no Uruguai Rodó (1872-1917), na Colômbia Vergara y Vergara (1831-1872), no Equador (1832-1894) Juan León Mera, no Chile José Toribio Medina (1852-1930), no Brasil Manoel Bomfim (1868-1932) e no México Francisco Pimentel (1832-1893). Esses são exemplos de proto latino-americanistas, críticos da literatura que têm estatuto, sobretudo, de intérpretes da cultura, de tal modo que seus textos podem ser tomados como os primeiros indícios de um projeto cultural comum: América Latina.

Do lado do Brasil, pode-se afirmar que José Veríssimo (1857-1916) foi um dos intelectuais mais interessados nas questões relativas à América Latina, na virada do século XX. Com um vasto conhecimento histórico da evolução política e literária do continente, em que cita casos como o de Argentina, México, Paraguai e Venezuela, foi ele, sem dúvida alguma, quem mais detidamente acompanhou a literatura dos países hispânicos. O autor assumia, por exemplo, em *Cultura, literatura e política na América*

Latina (1895), que, ao falar de América Latina, falava de um “nós”, reivindicando o mútuo desconhecimento que prevalece no sul do continente:

Tive já ocasião de confessar a minha ignorância das literaturas hispano-americanas. Creio que sem injustiça, associei nela a generalidade dos meus companheiros, ainda que homens de letras. Disse também que essa ignorância é recíproca, isto é, que os outros hispano-americanos (os outros escrevo porque hispano-americanos também somos nós, pois Portugal é Espanha) igualmente nada sabem das nossas letras (VERÍSSIMO, 1986, p.74).

Resulta interessante reconhecer que não é casualidade que um mesmo espírito de reivindicação nacional seja o que trará de volta a questão da América Latina. Pois, com a comemoração do centenário do México (1910) e do centenário do Brasil (1922), um mesmo ar se respira ao redor da pergunta pela verdadeira independência das repúblicas nascentes, considerando o comum sentido da procura pela identidade do modernismo brasileiro e das vanguardas latino-americanas.

Será somente após 1949 que um escritor brasileiro e um hispano-americano coincidirão na preocupação por compreender a América Latina. O poeta Manuel Bandeira editará no Brasil *A literatura hispano-americana* (1949), ao mesmo tempo em que o dominicano Pedro Henríquez Ureña publicará *Las corrientes literarias en América Hispánica*, nos Estados Unidos. As duas publicações compartilham um mesmo sentimento que presenciamos até hoje: no caso de Bandeira, o uso indistinto do nome América Latina para falar da América Hispânica e, no caso de Henríquez Ureña, as duas regiões, Brasil e a América Hispânica, serão abordadas como um grupo somente para se opor e se diferenciar dos Estados Unidos. Segundo Bandeira, “a América Hispânica, que correntemente se designa com o nome de América Latina, abarca hoje dezenove nações. Uma é de língua portuguesa, o Brasil, a de maior extensão territorial. Dezoito são de língua espanhola” (BANDEIRA, 1960, p.7). Quase um século depois da origem da tradição latino-americana, o princípio nacionalista do século XIX, sobre o qual se acentuou o sentimento independentista das distintas repúblicas, implicou que um de

seus princípios de identidade fosse principalmente a língua. Essa fronteira permitiu que um conceito como “América Hispânica” tivesse maior sucesso ao definir o continente. Essa leitura é contraditória se acompanharmos a acepção mais tradicional do conceito romano, segundo a qual à Hispânia pertencem as culturas ibéricas e, portanto, os hispânicos seriam tanto brasileiros quanto a América Hispânica. Ou seja, a América Latina é filologicamente a mesma América Hispânica. É por isso que podemos reconhecer nessa ambivalência a existência de um Brasil hispânico, o que permitiria falar hoje, com sinonímia, de América Hispânica e América Latina, mas incluindo sempre o Brasil.

Do lado brasileiro, falando da histórica distância cultural que separa o Brasil do resto da América Latina, num artigo publicado no *Diário de São Paulo*, em 8 de janeiro de 1944, Mario de Andrade afirmou:

É dramática a situação humana do Brasil na Sul América. Nós não estamos sós, pois que nos pensam e muito, nós estamos abandonados o que é terrivelmente pior. Um despeito é o sentimento que sopra forte e varre os corações. Nunca receio de uma grandeza hipotética, nem despeito duma superioridade que não existe. Despeito, apenas da nossa diferença. Porque, não há dúvida, entre as nossas heranças ibéricas tão unidas e superiores, nós herdamos também aquela parte cão-e-gato do destino que opõe Espanha e Portugal. E, pois que eles são muitos e nós somos um só, é nosso o mal (ANDRADE, 1993, p. 254).

Anos depois, Emir Rodríguez Monegal, intelectual uruguaio, confirmaria a mesma fronteira cultural desde um olhar linguístico: “Os brasileiros cultos frequentam mais assiduamente e com maior proveito a literatura hispano-americana que seus colegas hispânicos a brasileira, devido à preguiça (ou incapacidade) de verificar se realmente o português é tão difícil de se ler” (RODRÍGUEZ MONEGAL *apud* SCHWARTZ, 1993, p.185).

Somente a partir de 1959 é que aparecerá Antonio Candido, com seu conceito de “sistema literário”, com o qual conseguiu explicar a formação da literatura brasileira partindo do século XVIII, tendo como fundamento a necessidade, premente na época,

da constituição de uma literatura e uma crítica autônoma nacional, que nem por isso negasse suas relações com os seus elementos constitutivos. Logo depois será Ángel Rama, que, baseado no discurso antropológico de Darcy Ribeiro (1922-1997), procurou unificar as criações literárias da América Latina dentro dos limites de uma história comum, objetivo que o levou a percorrer as narrativas do continente. Essa seria a base da maior ponte cultural que permitiu que se reconhecesse uma identidade cultural definida, como um projeto que se buscava constituir, no olhar prospectivo de Rama no continente, na medida em que podiam se privilegiar as homologias culturais, como continuidades sobre as diferenças linguísticas. Os conceitos críticos de Candido foram interpretados por Rama, que projetou no seu trabalho crítico uma América Latina plural e diversa com vistas ao futuro, projeto que gerou uma resposta de dimensão histórica a todos os processos sucessivos de conquista e dominação no continente. Esse projeto se concretiza na Biblioteca Ayacucho.

Estruturalmente, esta dissertação de cunho historiográfico se distribui em dois capítulos que procuram compreender o percurso dos conceitos críticos de Antonio Candido na obra de Ángel Rama. O primeiro capítulo, “Antonio Candido e a crítica da literatura e da cultura”, consiste numa análise estruturada de alguns conceitos de Candido, nomeadamente “sistema literário”, “formação” e “supra-reagional”, considerando o seu aporte na tradição crítica brasileira, com vistas a compreender de que maneira esse crítico se insere no campo cultural do seu país para, logo depois, compreender qual é a sua fortuna crítica na América Latina.

Esse primeiro capítulo se divide em quatro partes, dedicadas ao exame das teorizações de Antonio Candido e da sua leitura das literaturas brasileira e hispano-americanas. A primeira parte, “Antonio Candido e a formação de um sistema literário como método”, repassa os conceitos de “formação” e de “sistema literário” desde a

perspectiva de Roberto Schwarz e de Paulo Arantes, tentando compreender como estes críticos analisam o método crítico do autor e, ao mesmo tempo, a sua contribuição nos estudos literários brasileiros. Por seu lado, a segunda parte, “Um sistema literário para o Brasil”, examina, desde a perspectiva desses dois críticos brasileiros, como os conceitos de Candido participam da tradição literária ocidental, considerando os seus maiores precedentes. A terceira parte, “Candido e a questão nacional”, considera a fortuna crítica do autor ao redor da sua escolha do nacional como objeto de estudo, revisitando a forte crítica de Luis Costa Lima e contrastando-a com a defesa feita por Roberto Schwarz. Já a quarta parte, “O percurso crítico dos conceitos de Candido na América Latina”, procede a uma leitura crítica do aporte do autor para os estudos latino-americanos, partindo das leituras feitas por Gonzalo Aguilar, Florencia Garramuño e Adriana Amante, considerando, histórica e ideologicamente, as lacônicas publicações e participações de Candido dentro do discurso latino-americanista.

Já o segundo capítulo, “Ángel Rama: para uma literatura latino-americana”, empreende uma análise do percurso do autor uruguaio e das suas contribuições críticas e editoriais no campo cultural uruguaio, em um primeiro momento, e no contexto latino-americano em sentido lato, num segundo momento. Para tal fim, se conferirá destaque ao aporte crítico dos conceitos de Candido nas concepções de Rama. Também se considerará a contribuição de Darcy Ribeiro para a formulação dos seus principais conceitos: “comarca cultural” e “transculturação narrativa”. O anterior tem a finalidade de reconhecer o projeto crítico de Rama, construir uma literatura latino-americana, destacando a participação da intelectualidade brasileira.

Esse segundo capítulo engloba quatro partes também, considerando que a primeira parte, “O sistema literário de Candido na perspectiva de Rama”, compõe-se de duas partes complementares, “Ángel Rama e Darcy Ribeiro: confluências culturais” e

“Do conceito de supra-regional ao de comarca cultural”. Nessa primeira parte geral, faz-se uma leitura detida da discussão sobre os conceitos críticos de Antonio Candido e de Darcy Ribeiro no projeto transculturador de Rama desde o olhar de Pablo Rocca, Susana Zanetti e Roseli Barros Cunha. A segunda parte, “Vanguardismo e modernismo: fundadores da autonomia literária”, empreende uma leitura das contribuições fundamentais que Rama fez no campo literário, caracterizando seu aporte crítico e sua contribuição para a integração da América Latina, seguindo a leitura de Silvana Pessoa de Oliveira e de Grinor Rojo. A terceira parte, “O conceito de transculturação narrativa em Rama”, considera, com especial ênfase, o maior conceito elaborado pelo autor, desde a leitura de Flavio Aguiar e de Roseli Barros Cunha, levando em conta seu papel na construção de uma literatura plural. Já a quarta parte, “Biblioteca Ayacucho: um precedente latino-americano”, propõe uma leitura da contribuição da Biblioteca Ayacucho dentro dos estudos literários latino-americanos, considerando o aporte crítico de Haydée Ribeiro Coelho e seu olhar fundamental na análise dos prólogos da Biblioteca Ayacucho.

Portanto, esta dissertação visa ao exame de questões históricas, como a identidade cultural, a compreensão do papel da crítica literária, dos projetos editoriais e dos ensaios programáticos na configuração da identidade cultural do continente. Afinal, o estudo aqui proposto pretende discutir as mudanças de paradigmas de explicação do fenômeno América Latina, na evolução e interpretação dos conceitos de Candido no projeto cultural de Rama, com vistas à inclusão do Brasil.

1 Antonio Candido e a crítica da literatura e da cultura

Há 96 anos nascia Antonio Candido no estado de Rio de Janeiro; aos 27 anos de idade publicava seu primeiro livro, *Brigada ligeira* (1945), e há apenas dez atrás publicava seu último livro, *O albatroz e o chinês* (2004), aos 86 anos de idade. São pelo menos seis décadas de inúmeras obras, ensaios e artigos. Com um forte labor acadêmico, prestado tanto no estado de São Paulo quanto no Brasil, Candido trabalhou nas três maiores faculdades do estado – USP, UNICAMP e UNESP – e seu pensamento teria uma amplitude que abarcaria todo o Brasil.

A obra de Candido hoje é reconhecida pelo senso crítico e historiográfico na medida em que faz uma revisão da formação do campo literário brasileiro, considerando histórias, obras e público. O autor consolidou, assim, um método crítico que o acompanharia tanto no seu trabalho acadêmico, quanto na sua participação como crítico literário em jornais como o *Diário de São Paulo* e a *Folha da Manhã*. Esse exercício crítico lhe permitiria repensar o próprio conceito de literatura e a sua constituição numa sociedade periférica como a brasileira. No seu trabalho crítico, Candido se preocupa em dinamizar o estudo de períodos, estilos, autores e textos num movimento social que ultrapassa a mera crítica estilística, predominante na época em que iniciou sua carreira. Essa preocupação terá seu maior ganho na *Formação da literatura brasileira* (1959):

Candido pôde assentar as bases de uma nova crítica que, aproveitando o frutífero e descartando o desgastado, lhe permitiria relançar-se como o continuador de uma tarefa que, certamente, não se encerrou com Romero, ao contrário, prosseguiu em outros empenhos fundamentais, como o de José Veríssimo. Mas, à diferença de seus antecessores, com ele começaria o fortalecimento dos estudos profissionais na área universitária, sem que isso aventasse o afastamento da tradição ensaística (ROCCA, 2013, p.70).⁶

Antonio Candido reuniu no seu trabalho crítico um universo muito amplo de textos críticos com foco cultural e histórico sobre autores, regiões e problemas da

⁶ *O método crítico de Silvio Romero* (1945) foi a tese com a qual Candido obteve o cargo de docente em literatura brasileira na USP.

literatura universal, sem apoiar-se somente nos problemas literários. Sua obra representa um objeto múltiplo, desigual no seu *corpus* e, ao mesmo tempo, consistente nos seus conceitos, de modo que a América Latina, sem ocupar um grande espaço de interpretação dentro desse *corpus*, pode ser pensada dentro dos seus conceitos. Existe, conseqüentemente, na sua obra, uma aparente continuidade, pois, na grande maioria dos seus textos, pode-se reconhecer um pensamento dialético na compreensão da literatura que, pensando o Brasil, permite pensar a América Latina. Tal método dialético não renuncia ao valor estético da obra literária, mas se preocupa constantemente com as relações desta com o âmbito social e cultural. Ao mesmo tempo em que fornecem subsídios para se pensar o campo literário do Brasil, seus conceitos permitem que o Brasil seja pensado com relação ao restante da América Latina.

Desse modo, muitos dos conceitos pelos quais Candido analisa seu país vão além da ideia do nacional, uma vez que propõem ferramentas interpretativas para analisar os processos de formação de literaturas em condições similares às da formação do Brasil, como as da América Hispânica. Ao considerarem condições históricas, sociais e culturais comuns, suas teorizações são abrangentes na medida em que refletem sobre a periferia a partir da própria periferia.

1.1 Antonio Candido e a formação de um sistema literário como método

Compreender o peso que tem uma obra crítica como a *Formação da literatura brasileira*⁷ (1959), que se tornou um clássico quase desde sua publicação, em relação à obra do seu autor assim como à tradição nacional, já é um caminho amplo para se transitar. Mas compreender a importância que tem essa mesma obra, seus conceitos e, especialmente, seu método crítico, dentro de uma tradição mais ampla, como a latino-

⁷ Daqui em diante, para me referir à obra *Formação da Literatura Brasileira*, usarei a sigla *FLB*.

americana, é o percurso que este capítulo pretende fazer, considerando os trabalhos já realizados sobre esse tema feitos por Paulo Arantes e Roberto Schwarz. Para isso, procura-se reconhecer, primeiro, a estrutura do método crítico proposto por Antonio Candido, para, logo depois, tentar compreender a sua importância na tradição brasileira e latino-americana.

Segundo Roberto Schwarz, no seu livro *Sequências brasileiras* (1999a), para entender a obra de Candido, é necessário relacioná-lo com seus predecessores, dado que a ideia de “formação” é o centro de grande parte das obras canônicas da cultura brasileira. Segundo o autor, podem-se considerar como predecessores de Candido, por exemplo, Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Caio Prado Jr (1907-1990) e Celso Furtado (1920-2004). Schwarz considerará cada uma destas obras; porém a de Gilberto Freyre terá maior destaque porque, nela, aparece uma matriz sociológica da cultura brasileira. Segundo Schwarz, com a leitura da obra de Freyre, o leitor acompanha a trajetória da história e a perda progressiva de um valor, que seria o passado colonial. Com Sérgio Buarque de Holanda, Schwarz observa que este autor resgata a constituição da nação como um processo inacabado, direcionando-o ao futuro, para, com isso, compreender a superação das origens em direção a uma sociedade mais democrática. Caio Prado é lido sob um enfoque marxista pelo crítico paulista, demonstrando como a matriz colonial precisa ser superada para que ocorra a verdadeira independência do Brasil. Finalmente, com a leitura de Celso Furtado, Schwarz considera o processo da progressiva apropriação das escolhas econômicas por parte do estado como um sentido da formação brasileira. Esses autores, para Schwarz, da mesma forma que para Candido, valorizam, sob diferentes marcos conceituais, o estudo dos processos de formação não culminados como articuladores da sociedade brasileira. É por isso que, para Schwarz, no caso específico do objeto de estudo de

Candido, que é a literatura brasileira, a natureza do assunto difere, na completude e na matéria, motivo pelo qual a leitura de Candido consegue se distanciar dos seus predecessores ao tratar de um processo já acabado como a formação da literatura brasileira.

Paulo Arantes (1997) considera o processo da escrita de *FLB* como resultado da obsessão crítica de Candido por encontrar linhas evolutivas, que permitam compreender o fenômeno literário histórica, estética e socialmente, obsessão essa que ultrapassa a *FLB* e se constitui como um problema constante na obra do autor. Com esse projeto tão abrangente, segundo Arantes, Candido pretendia compreender um *corpus* que desse forma e estrutura às produções modernas brasileiras, mediante o qual fosse compreensível a evolução, o desenvolvimento, a difusão, o ensino, o estudo crítico e a análise dos processos literários brasileiros. Numa palavra, Candido tentava compreender a “formação”, em todas as variantes e singularidades que esse conceito pode trazer para o campo literário brasileiro, integrando uma tendência de análise corrente entre vários estudiosos brasileiros:

Que se trata de verdadeira obsessão nacional dá testemunho a insistente recorrência do termo nos principais títulos da ensaística de explicação do caso brasileiro: *Formação do Brasil contemporâneo* [1942], *Formação Política do Brasil* [1967]; *Formação econômica do Brasil* [1958] ; [*Os donos do poder:*] *Formação do patronato político brasileiro* [1975] etc. – sem contar que a mesma palavra emblemática designa igualmente o assunto real dos clássicos que não a trazem enfatizada no título, como *Casa-grande e senzala* [1933] e *Raízes do Brasil* [1936] (ARANTES, 1997, p. 11).⁸

Contrastando o olhar de Schwarz (1999a) e de Arantes (1997), a obra de Candido difere das obras desses autores, seus predecessores, em alguns aspetos fundamentais. Por exemplo: pode-se considerar seu objeto de estudo historiográfico como um processo já concluído, pois, para o autor, pode-se falar de uma Literatura já formada no Brasil –

⁸ As datas, assim como o título da obra da qual o autor só menciona o subtítulo, foram acrescentadas por mim.

compreendida como parte de um sistema literário – a partir dos anos 1870, data reivindicada pelos primeiros românticos como iniciadora dos processos literários no Brasil, mas que, para o autor, será um dado histórico meramente circunstancial, que ele revisa com olhar crítico:

Esses críticos conceberam a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional. Achei interessante estudar o sentido e a validade histórica dessa velha concepção cheia de equívocos, que forma o ponto de partida de toda a nossa crítica, revendo-a na perspectiva atual. Sobre este aspecto, poder-se-ia dizer que o presente livro constitui (adaptando o título do conhecido estudo de Benda) uma “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” (CANDIDO, [1959], 2013, p. 28).

Esse olhar permite que Candido faça uma interpretação concreta da existência do seu objeto de estudo, considerando a leitura de um processo concluído, com diferença do trabalho dos seus predecessores. Aliás, essa interpretação de Roberto Schwarz (1999a), dado o *corpus* de pesquisa escolhido, demonstra a pouca relevância do sistema literário brasileiro na configuração da nação brasileira, ao considerar que a existência do sistema literário não marcou grandes diferenças para a vida nacional, assumindo uma aparente independência, moderna, quando ainda existiam muitos traços coloniais na cultura brasileira. Essa é uma conclusão essencial do crítico da USP ao considerar que uma forma moderna de progresso, como o “sistema literário”, se manifestou dentro de estruturas coloniais convencionais e conseguiu se desenvolver sem influir diretamente nas práticas coloniais. Candido expõe como os diferentes campos de poder foram se formando no Brasil, sem procurar uma aparente integração entre estes, admitindo que, com isso, iniciou-se a fragmentação de uma suposta unidade nacional. É por isso que, enquanto os predecessores de Candido falavam de processos inacabados, processos esses que se fossem concluídos, para eles, teriam permitido múltiplas mudanças no Brasil, Candido fala de um processo culminado, o sistema literário, que não mudou as estruturas coloniais do Brasil.

Nesse mesmo interesse pela “formação”, mas como contraponto à obra de Candido, Afrânio Coutinho (1911-2000) desenvolveria, por exemplo, no mesmo ano de 1959, a publicação de outra obra monumental: *Introdução à literatura no Brasil, história literária*, apresentando outro grande projeto histórico que, ao lado da obra de Candido, reavaliou a tradição historiográfica da literatura nacional, desde seu começo até os anos 1960. Essa afluência crítica na intelectualidade brasileira não se pode deixar de reconhecer como a marca de uma tradição que, seguindo o projeto dos formadores intelectuais do Brasil, procurava grandes esquemas interpretativos para registrar o desenvolvimento da sua sociedade. Nesse grande *corpus* de ensaios programáticos, estes autores constituíram uma estrutura que nortearia os estudos sobre a formação da vida cultural brasileira.

A *FLB* é um projeto planejado de longo alcance, a pedido do editor José de Barros Martins, até sua publicação quase dez anos depois. Segundo o próprio Candido confessa no prólogo da *Formação*, o método crítico e o projeto foram mudando e consolidando toda uma estrutura de pensamento, assim como a mesma idéia de formação mudou para o autor. O pedido original consistia na escrita de uma “história da literatura brasileira” em dois volumes, desde seus primórdios até os anos 1950. O texto entregue por Candido é o estudo de apenas dois períodos, consideração limitada para ser pensada como uma história geral da literatura brasileira, já que não atendia os conceitos mínimos pedidos pelo editor, pois começava muito tarde e culminava muito cedo. A aposta do crítico foi considerar uma leitura substancial das obras com diferença da leitura panorâmica aguardada pelo editor. Ao conferir ênfase ao valor estético e à perspectiva sócio-histórica, Candido se contrapõe, com seu texto, ao cânone historiográfico no Brasil da época, caracterizado por desenvolver uma coletânea de resenhas sem profundidade crítica nem histórica:

O caminho crítico que levava à história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura era o mesmo que permitia contornar a mania metodológica nacional – e a recepção tora do livro confirmava o nosso mundo letrado desconforme, onde ainda se falava mais de maneira de fazer crítica do que propriamente se cuidava de fazê-la (ARANTES, 1997, p.35).

Pode-se afirmar que, para Candido, todo estudo crítico das obras literárias tem que entender a natureza material e estética do texto e, conseqüentemente, adaptar o seu método a cada uma das obras. Assim, o autor propõe um caminho que vai da obra à crítica e não em sentido contrário. Por causa desse pressuposto, de ordem histórica e estética, o crítico desenvolverá um método crítico histórico e materialista para a literatura brasileira, segundo o qual, deixando de lado o idealismo das leituras românticas ou impressionistas, lutará por uma crítica que compreenda as obras nas suas manifestações históricas materiais.

1.2 Um sistema literário para o Brasil

É claro que Candido parte de uma leitura dos seus predecessores nacionais, mas, como crítico, ele se insere na tradição crítica ocidental, re-interpretando conceitos tão caros ao formalismo como o de “sistema literário”, sob o ponto de vista da sociologia da literatura. Candido assume, assim, o conceito “sistema literário” como método de compreensão da tradição brasileira, de articulação tanto das obras quanto dos escritores num campo histórico social de influências e tradições, de maneira diacrônica e sincrônica. O “sistema literário”, como base conceitual e método crítico, pode ser entendido sob a perspectiva de Tynianov (1894-1493) em *Sobre la evolución literaria* (1927), pois, para o crítico russo, esse conceito, que anos depois seria repensado pelo crítico brasileiro, entre outros autores, representava uma imagem da forma como os fenômenos literários entram em correlação:

Se cree que la obra se introduce en un *sistema literario* sincrónico y que allí obtiene una función. La noción de un sistema sincrónico en constante evolución

es también contradictoria. El *sistema* de la serie literaria es ante todo un sistema de las funciones de la serie literaria, que a su vez, está en constante correlación con las otras series. La serie cambia de componentes, pero la diferenciación de las actividades humanas permanece. La evolución literaria, como la de otras series culturales, no coincide ni en su ritmo ni en su carácter (las series que le son correlativas, debido a la naturaleza espiritual del material que maneja). La evolución de la función constructiva se produce rápidamente; la de la función literaria se realiza de una época a otra; la de las funciones de toda la serie literaria, reclama siglos (TYNIA NOV, 2009, p. 20).⁹

A consideração do aporte de Tynianov nos conceitos de Candido pode parecer problemática para o próprio Candido, pela rejeição aos estudos formalistas:

As orientações formalistas não passam, todavia, do ponto de vista de uma crítica compreensiva, de técnicas parciais de investigação; constituí-las em *método* explicativo é perigoso e desvirtua os serviços quando limitadas a seu âmbito [...] O imperialismo formalista significaria, em perspectiva ampla, perigo de regresso, acorrentando-a de novo a preocupações superadas, que a tornariam especialidade restrita, desligada dos interesses fundamentais do homem (CANDIDO, [1959], 2013, p. 24).

Contudo, se é possível afirmar que sua leitura parte dos pressupostos de Tynianov, já que os dois autores coincidem na postulação de três funções correlacionadas para se pensar a literatura – a ideológica, a social e a total ou estética – (além do nome “sistema literário”), a mudança ou evolução do sistema resulta, no autor brasileiro, não apenas de razões intrínsecas, mas da conjunção de elementos internos e externos que circundam e determinam o sistema.

A ideia de literatura compreendida a partir de um sistema literário, composto por autores, obras e público, já podia ser lida, também, em T.S. Eliot (1888-1965), que considerava que não se pode compreender o significado de um escritor e a sua obra a não ser em contraste, ao situá-lo dentro da tradição literária, de sorte que a tradição será

⁹ “Acredita-se que a obra se introduz num *sistema literário* sincrônico e que ali obtém uma função. A noção de um sistema sincrônico em constante evolução é também contraditória. O *sistema* da série literária é antes de tudo um sistema das funções da série literária, que a sua vez, está em constante correlação com as outras series. A série muda de componentes, mas a diferenciação das atividades humanas permanece. A evolução literária, como a das outras séries culturais, não coincide nem em seu ritmo nem em seu carácter (As series que lhe são correlativas, devido à natureza espiritual do material que trabalha). A evolução da função construtiva se produz rapidamente; a da função literária se realiza de uma época para outra; a das funções de toda a série literária reclama séculos”.
O destaque é meu.

sempre reavaliada com a aparição de novas obras e novos escritores. A tradição é, então, sempre inespecífica e universal; porém, a leitura do crítico brasileiro toma distância ao perceber que esse caminho de legitimação não é sempre conciliatório como assume Eliot, e que, pelo contrário, é usualmente uma luta constante entre as formas novas e as antigas (ARANTES, 1997, p. 28-29).

Com o interesse de reconhecer o percurso dos conceitos de Candido, Pablo Rocca destaca, por exemplo, que a ideia de estruturar o sistema literário como um órgão sistêmico vem da formação em ciências sociais do autor, que, familiarizado com a obra de Radcliffe-Brown e com sua perspectiva da antropologia cultural, toma para a *FLB* o conceito de estrutura como equilíbrio dinâmico das relações internas da obra. (ROCCA, 2013, p. 71)

Pode-se entender, então, essa leitura da estrutura histórica como a interação dinâmica entre autores, obra e público, com continuidade na tradição literária. Schwarz, por sua vez, resgata que é possível rastrear o método crítico do Candido dentro da linha marxista alemã que vai de Lukács a Adorno, críticos que também pensaram um sistema dialético compreendendo as relações entre o estético e o social no literário (SCHWARZ, 1987, p. 142).

Anos depois de *FLB*, na obra *Literatura e sociedade* (1965), Candido empreende um estudo sobre “A literatura e a vida social”, retomando a noção de “sistema literário”, de maneira mais elaborada, e acaba formulando uma teoria sociológica da literatura, a qual se ocupa tanto da literatura como prática social dinâmica, quanto das especificidades do objeto literário. Nesse sentido, ocupa-se da relação recíproca entre obra e sociedade. Ao compreender a literatura como uma prática social entre outras, o autor brasileiro propõe que a compreensão dos fatores de produção, do modo de circulação da obra, bem como da forma do material verbal e da sua recepção,

contribuem para a compreensão tanto do fenômeno literário quanto do seu sistema. O modelo crítico de Candido chama atenção, então, por retomar as melhores características da abordagem sociológica tradicional e do formalismo, imperante na época, pois, na sua perspectiva dialética social/estética, esse procedimento não representa nenhuma contradição, segundo o autor:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo o processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito (CANDIDO, [1965], 2006, p. 20).

A definição de um campo cultural como “sistema simbólico de comunicação inter-humana”, a partir de pressupostos comunicativos saussurianos, permite a Candido interpretar a literatura mediante a relação triangular autor, obra e público. O autor confere ênfase a literatura brasileira e seu processo de formação, sendo essa sua maior preocupação, pois a constituição de um sistema literário autônomo implica a ideia de que só se tem uma literatura quando os processos de produção, circulação e recepção se dão dentro de um mesmo eixo, seja de caráter regional ou, no caso do objeto de estudo do Candido, de caráter nacional. Como esse conceito de “nacional” foi tão caro aos intelectuais que participaram do processo de formação do sistema literário brasileiro, sua leitura é uma das problemáticas que estimularam com maior ênfase a obra do autor.

Candido adaptou ao caso brasileiro o conceito de “sistema literário” para caracterizar os processos literários. Desse modo, a relação entre o grupo de leitores e a obra é mediada pela imagem que estes têm do autor; criam-se assim expectativas que podem ser satisfeitas, diluídas ou quebradas. Do mesmo modo, as relações do autor com os seus leitores são mediadas pelas obras. Assim, as relações do autor com a sua própria

obra são mediadas pelos imaginários sobre o leitor que o autor tenha, seja para respondê-los, seja para recusá-los. Em consequência, a relação do autor, imaginária ou não, com o seu público real ou latente, passa a ser também um fator interno das obras literárias, dado que esse aspecto determina as escolhas estéticas deste.

Além da dimensão sincrônica espacial, que em determinado momento articula o triângulo autor, obra, público, em um sistema literário existe também, para Candido, uma dimensão diacrônica, temporal, que confere sentido regional ou nacional a uma literatura. O sistema literário se constitui, então, quando autores de uma geração reconhecem autores, obras e estilos de outras gerações, no seu próprio território, como parte da sua identidade estética; quando se reconhecem herdeiros de uma tradição particular, seja para confirmá-la, seja para negá-la, ou as duas simultaneamente. Isso não nega a articulação das coincidências, dos predecessores ou os diálogos com outras literaturas que se apreciam como modelos. Ao contrário, se afirma o caráter orgânico e articulado das proposições dos intelectuais, que resolvem construir nas suas regiões uma literatura, seguindo a imagem dos modelos forâneos que dispunham, mantendo sempre a sua autonomia frente a estes.

Se considerarmos o caso de uma literatura nacional – pense-se na literatura brasileira –, o conceito de sistema envolve também o reconhecimento das instituições de suporte, como academias, sistemas educativos, revistas, prêmios, casas editoriais e até bibliotecas; enfim, todas as instâncias mediadoras entre o escritor e o leitor, pois, à medida que se considera um sistema nacional, também configura-se um sistema internacional progressivamente inclusivo, no qual o conceito se amplia. Contudo, permanece, entre os integrantes de um sistema literário nacional, a recorrência a um repertório comum de fontes, imagens, metáforas e referências, que criam o sentimento e a percepção de um enraizamento, de uma história e de um ritmo comum e peculiar da

vida intelectual, que, para o objeto de estudo de Candido, comporá o sistema literário nacional.

Articulando a noção de “sistema literário”, segundo o pensamento de Candido, encontram-se mediações diacrônicas fundamentais para sua configuração que precisam ser estudadas com mais profundidade para entender o caso brasileiro. A primeira é justamente o conceito de “formação”, que pode ser entendido como a base fundamental na configuração de qualquer sistema literário. Para o autor, a formação da literatura brasileira é delimitada em dois períodos específicos: o arcadismo e o romantismo. No campo desses dois momentos, os elementos de produção, recepção e difusão das obras se consolidam na construção de uma literatura propriamente brasileira:

Nesse sentido, vale a pena observar dois episódios dentro dos momentos que o crítico chamou de decisivos para a formação da literatura brasileira. No primeiro deles, o Arcadismo, é interessante notar, por exemplo, como a tríade mineira - Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto - esteve ligada à Inconfidência Mineira. No segundo momento, o Romantismo, encontraremos aquilo que Candido chamou de “Nacionalismo Literário”, ou seja, a literatura, impulsionada pelos ideais da Revolução Francesa e pelo momento da Independência, vai desenvolver mais ainda os ideais nacionais. Esse empenho, esteticamente, será manifestado, por um lado, por meio do descritivismo exótico, do ufanismo e da caracterização estereotipada dos personagens; por outro lado, o empenho possibilitará a captação das fraturas da sociedade brasileira. A essa dialética de possibilidades configurada basicamente pelo caráter empenhado e pela dialética local-universal, Antonio Candido deu o nome de literatura de dois gumes (ARNT, 2009, p.5).

Portanto, a literatura, para Candido, consiste em um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”; denominadores que concorrem para articular as obras, desde elementos internos, como a língua, os temas e as imagens partilhados, até os elementos externos decisivos para essa articulação, como um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel, um grupo de receptores e um mecanismo transmissor. Desse modo, pode-se compreender como os casos isolados são, para Candido, apenas manifestações literárias, pois somente a partir do Romantismo a

configuração dessas manifestações no Brasil constituiria propriamente uma literatura brasileira (CANDIDO, [1959], 2013, p. 45).

Para constituir uma literatura como sistema, Candido interpreta a necessidade da formação de uma continuidade literária: “Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização [...] integrando em dado momento um sistema articulado e, ao influir sobre a elaboração de outras, formando no tempo, uma tradição.” (CANDIDO, [1959], 2013, p.26). Antes de se constituir um sistema literário nacional, com certeza podem surgir obras de qualidade, nomeadas como manifestações literárias, seja por esforço individual, seja por influência de outras tradições literárias, não existindo, porém uma literatura nacional propriamente dita, justificada na existência de estas manifestações literárias nacionais.

1.3 Candido e a questão “nacional”

Desde o começo da *FLB*, Candido destaca o seu interesse por compreender historicamente “o desejo da cultura brasileira por ter uma literatura”, intenção que culminará, segundo o autor, no período final do século XIX com a obra de Machado de Assis. Esse interesse pelo nacional é apresentado, na obra, como uma questão histórica problemática, sendo que o autor, reconhecido pelo seu olhar universalista sobre a literatura, interpreta um processo histórico que se consolidou sob a ideia do nacional. O autor destaca nesse projeto historiográfico certa legitimidade cultural, mas, ao mesmo tempo, reconhece o encobrimento ideológico que se apresenta perceptível, segundo ele, na baixa qualidade estética de muitas das obras que participaram ativamente do processo nacionalizante.

O olhar de Candido parte da consideração da existência de um sistema literário como um fato; interessa, então, ao autor, o processo de constituição desse sistema, para

com ele compreender as problemáticas e os ganhos que trouxe para a literatura brasileira esse enfoque nacional. Assim, a questão do nacional é estudada pelo autor longe de qualquer leitura nacionalista, em que o conceito “formação” é compreendido como uma ferramenta para entender um processo histórico de articulação de uma ideia de literatura, na qual os precursores do sistema literário nacional estavam envolvidos no projeto de formação da nação brasileira:

Basta lembrar que, já “formado”, o nosso sistema literário coexistia com a escravidão e com outras “anomalias”, traços de uma sociedade nacional que até hoje não se completou sob o aspecto de cidadania, e tal vez não venha a se completar, o que certamente faz refletir sobre a natureza mesma daquele movimento de formação nacional (SCHWARZ, 1999, p. 19).

O conceito de “formação” defendido por Candido traz consigo a necessidade de compreender uma mudança histórica, decisiva para a compreensão de uma literatura brasileira, pois os momentos decisivos para a constituição do sistema literário brasileiro – segundo Candido, Arcadismo e Romantismo – estarão imbuídos das ideias independentistas e, mesmo sendo estilos tão diferentes, podem ser interpretados num contexto comum, a saber, a procura do nacional. Essa leitura e historicização de uma aspiração nacional foi intensamente debatida no Brasil. Pense-se, por exemplo, no caso de Haroldo de Campos, que, em seu texto *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (1989), acusa Candido de manter um “modelo semiológico” estreito e uma “perspectiva histórica linear” ao não incluir na sua obra Gregório de Mattos, e o barroco como um todo, no processo de constituição do sistema literário nacional. Esse crítico observa que o sistema literário de Candido privilegia a função emotiva dos textos, seguindo o olhar de Jakobson (1896-1982). Com isso, Candido priorizaria o sujeito lírico que representa uma faceta da realidade vivida. Por isso, para Campos, o resultado da obra de Candido é um cânone nacional “romântico imbuído de aspirações classicizantes”, pois, segundo Campos, a obra do Candido possui estrutura

linear, superficial e até teleológica, dado que, ao pensar numa origem simples para a literatura brasileira – que, aliás, é pensada sob as datas canônicas –, exclui a vertiginosa complexidade do processo de consolidação da literatura brasileira. Para se contrapor a essa leitura, Campos propõe pensar a literatura brasileira como uma história literária “constelar”, “inconclusa”, com destaques para seus “momentos de ruptura e transgressão”, contrapondo-se ao olhar de Candido sobre os “momentos decisivos”, entendidos como os momentos de continuidade que constituem a tradição.

Candido expõe suas premissas nos prefácios e na introdução da *FLB*, antecipando-se às críticas ao esclarecer o que entende por literatura e por “formação” da literatura:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e por que se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo manifestações literárias de literatura propriamente dita, considerando aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase (CANDIDO, [1959], 2013, p.25).

A interpretação feita por Candido, diferentemente da crítica estabelecida por Campos, apresenta, segundo Schwarz (1999), uma estrutura conceitual materialista, não convencionalista, que dá prioridade às continuidades que constituem a tradição, pois nela o pensamento tradicional e o divergente são complementares. De acordo com Roberto Schwarz, referindo-se a *FLB*,

Vocês que leram Adorno lembram a descrição exata que ele faz, no caso da música de Schönberg, da complementaridade entre o tradicionalismo severo e a capacidade de revolucionar uma forma. É como se na ausência de tradição rigorosa as mudanças radicais se tornassem impensáveis... (SCHWARZ, 1999, p.20).

Para Candido a materialização do sistema literário no Brasil constitui um processo particular com um contexto histórico determinado, no Romantismo e no Arcadismo, cujo âmbito e delimitação são próprios dos movimentos estéticos e

ideológicos da época. Longe de pensar uma região política ou linguística, o autor analisa historicamente o processo intelectual e histórico do Brasil no seu projeto de ter um sistema literário.

Esse pensamento crítico se centra, fundamentalmente, na ideia de que os “momentos decisivos” e a “formação” da literatura coincidem com a concepção da identidade nacional, pressuposto que conformaria a literatura em torno da construção de valores que justificariam o Estado brasileiro. Tal concepção foi plasmada na obra *FLB*, pela interrelação do pensamento iluminista com o romântico, expondo os fundamentos legitimadores da independência literária do Brasil. A influência da Ilustração, segundo o olhar desse crítico, europeizou a literatura brasileira, integrando a pequena elite letrada (por meio da interação autor, obra e público) à matriz dos valores literários do Ocidente. Esse é o pensamento crítico que se articula na sua obra, na qual o autor procura desprovincializar as ideias e a literatura, inserindo o Brasil no contexto da literatura universal. Esse processo, simultâneo à universalização da cultura e a aclimação da realidade, conforme Candido, permitiria ao Romantismo, um momento decisivo, tratar a literatura como um veículo de emergência de uma consciência nacional, como aconteceu no restante da América Latina:

A literatura no Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por esse compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexiste nas literaturas dos países de velha cultura. Nelas, os vínculos neste sentido são os que prendem necessariamente as produções do espírito ao conjunto das produções culturais; mas não a consciência, ou a intenção, de estar fazendo um pouco de nação ao fazer literatura (CANDIDO, [1959], 2013, p. 18).¹⁰

Contra um nativismo deformador, satisfeito em julgar a literatura brasileira como originária, essa perspectiva permite inferir que a literatura brasileira faz parte de

¹⁰ Essa leitura pode ser problemática, dado que, para a Europa do século XIX, após as Revoluções, com a aparição dos Estados modernos, a nação, para o campo literário, converte-se numa preocupação comum; leia-se, por exemplo, desde o romance histórico de Walter Scott até a *Histoire de la littérature française* (1894), de Gustave Lanson.

um fenômeno cultural mais amplo. Aquilo que se considera como próprio de sua literatura é, na verdade, comum à literatura do Ocidente, por mais que apresente marcas diferenciais próprias. Por isso, é fundamental, para compreender o aparelho crítico do autor, destacar os momentos decisivos do sistema literário brasileiro, de forma diacrônica e sincrônica, compreendendo os períodos que conseguem concentrar as manifestações literárias e considerando também, os espaços que trataram problemáticas brasileiras, produzidas em um momento no qual o Brasil não possuía uma literatura, ou seja, um campo literário propriamente dito, motivo pelo qual o autor considera que

Ainda não correspondiam a uma etapa plenamente configurada da literatura, pois os pontos de referência eram externos, estavam na Metrópole, onde os homens de letras faziam seus estudos superiores e de onde recebiam prontos os instrumentos de trabalho mental (CANDIDO, 2004, p. 22)¹¹.

O destaque das chamadas manifestações literárias dá conta, partindo de casos particulares, dos processos gerais da conformação do sistema nacional. Pode-se pensar, por exemplo, no caso de Padre Antônio Vieira, que, segundo Candido, representa “a exaltada celebração do país, que durante quase três séculos serviu de compensação para o atraso e o primitivismo reinantes” (CANDIDO, 2004, p. 23). Ao fazer a escolha crítica entre distinguir as “manifestações literárias” e a “literatura”, entendida como um sistema de obras ligadas por características comuns que permitem entender um *corpus* e uma tradição, o autor decide encarar os termos de constituição das continuidades literárias, dando, assim, um método à interpretação das produções literárias brasileiras. Afinal, ao estabelecer os elementos fundamentais do processo de constituição do sistema literário, Candido conseguiu interpretar um eixo da tradição estética literária no Brasil, reconhecendo a ligação entre os processos de representação do nacional com os processos de criação literária. Nesse processo de interpretar os momentos decisivos da

¹¹ Este trecho provem da *Iniciação à literatura brasileira*, publicada em sua primeira versão em português em 1997, já que o texto foi originalmente publicado em espanhol em 1968 como *Introducción a la literatura de Brasil*.

formação de uma literatura, Candido realiza novamente um movimento de interpretação dialético, segundo o autor:

De um lado, a visão da nova realidade que se oferecia e devia ser transformada em “temas”, diferentes dos que nutriam a literatura da Metrópole. Do outro lado, a necessidade de usar a literatura de maneira por vezes diferentes “as formas”, adaptando os g neros às necessidades de expressão dos sentimentos e da realidade local (CANDIDO, 2004, p.14-15).

Esse movimento configurar  propriamente uma dialética entre o local e o universal, expondo a constante rela o, nos processos literários, entre o material local e as formas europeias. Segundo o pensamento de Candido, a literatura, como produto da cultura ocidental, nas Américas é fruto de um processo de coloniza o, o qual pode ser caracterizado como uma imposi o, advindo do domínio linguístico, político, religioso e cultural. No campo literário, essa dialética entre o local e o universal pode ser percebida no período de forma o, quando os primeiros escritores brasileiros, seguindo o senso comum da época, acompanharam as formas literárias que tentavam retornar aos padrões clássicos para representar suas realidades. O fato de os escritores terem assumido essas supostas “formas universais”, que caracterizam o senso europeu para representar uma suposta “cor local”, demonstra o estado primário da constitui o do sistema literário no Brasil.

A dialética presente na *FLB* entre categorias de história literária e de história social, nacional, implica a liga o entre os movimentos est ticos Arcadismo e Romantismo e categorias como Independência ou Na o. Esse procedimento   compreensível como uma aposta teórica, segundo a qual o campo literário é lido dentro da história social porque ainda não tinha conseguido a sua independência. Por isso o destaque é conferido ao processo de forma o. Esse tipo de vinculo epist mico entre categorias estéticas e sociais pode ser considerado como uma perspectiva

enriquecedora, pois leva a interpretar o campo literário dentro das estruturas sociais em que foi formado.

Segundo a leitura de Candido, para interpretar uma literatura nacional no Brasil é necessário partir da compreensão de um sistema supra-regional que responda às necessidades culturais próprias de cada cultura nacional-universal. Essa exaltação do nacional como unidade destaca a pretensão de conter uma literatura dentro de cartografias políticas nacionais, porém propondo, ao mesmo tempo, a necessidade de pensar as regiões culturais em relação com a tradição nacional.

Candido confere ênfase, então, ao caráter propriamente literário da consideração crítica, pois, para que as obras se constituam como um sistema literário “nacional”, é necessário que, no seu conjunto, elas sejam, antes de tudo, obras de literatura, na plenitude do termo, isto é, privilegiem o elemento estético, além do meramente referencial do nacional.

O crítico, reinterpretando as leituras de José Veríssimo a esse respeito, escreve um dos trechos pelo qual, superficialmente, tem sido julgado por parte da crítica:

Esta nossa literatura que, como ramo da portuguesa, tem já perto de quatro séculos de existência, não possui a continuidade perfeita, a coesão, a unidade das grandes literaturas [...] Faltou sempre o elemento transmissor, o mediador plástico do pensamento nacional, um povo suficientemente culto (VERÍSSIMO, 1977, p.12).

A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas [...] Os que se nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e falta de senso de proporções. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao interesse e até menoscabo das nossas (CANDIDO, [1959], 2013, p. 21).

Ao aproveitar o juízo de Veríssimo para problematizar o local da literatura brasileira no seu período de formação, entre o universal e o regional, Candido assume uma postura de valor do senso crítico da literatura brasileira, ao considerá-la como

“galho secundário da portuguesa”, ao mesmo tempo em que reconhece a literatura portuguesa como “arbusto de segunda ordem no jardim das musas”. Nesse sentido, o autor parece querer focar a literatura em perspectiva, longe de uma exagerada exaltação nacional, o espaço que tem as narrativas brasileiras dentro da tradição literária universal.

Esse momento de dependência estilística tem sido destacado por Candido porque, pensando dialeticamente a literatura, estética e socialmente, as formas importadas, quando chegaram às terras americanas, encontraram variantes que não se ajustavam com os modelos da suposta “cor local”. As discordâncias entre o nativo, as formas europeias e as tradições africanas tiveram várias consequências que permitiram, logo depois, a formação de uma literatura, a conformação de uma identidade estética brasileira. Produto desse confronto, Candido reconhecerá como síntese, no seu pensamento dialético nacional-universal, o empenho das literaturas da América Latina na construção das suas nações. Segundo o autor, os ensaios programáticos e as próprias literaturas procuravam se distanciar das produções literárias da Espanha e de Portugal, tentando estimular um viés propriamente regional, participando da construção da nação.

De acordo com Candido, a literatura:

[...] é toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção duma cultura válida no país. Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional (CANDIDO, [1959], 2013, p. 20).

Luiz Costa Lima dedica um texto à obra de Candido e ao conceito de sistema literário, “A concepção da História Literária na *Formação*”, no seu livro *Pensando nos trópicos* (1971). Nesse capítulo, o autor argumenta, de forma enfática, como Candido permanece dentro da questão nacional e, ao mesmo tempo, afasta-se desta: “A crítica explícita ao critério determinista mostraria seu afastamento das histórias orientadas pela exclusividade do nacional” (COSTA LIMA, 1991, p. 152). Contudo, Costa Lima

argumenta que a continuidade da leitura leva a problematizar o lugar teórico de Candido. Leia-se a argumentação de Moraes, citando Costa Lima:

É corriqueiro entender a proposição de Candido da seguinte maneira: “[...] a ideia de sistema literário implica que só se pode falar em literatura nacional quando as obras aí produzidas são também aí recebidas e fecundadas.” O problema que, em sua perspectiva, não costuma ser posto é: “[...] quão extensa deverá ser a recepção atestada para que se lhe tenha como declaradora de um sistema? Bastará uma recepção atestada para que o sistema se afirme em funcionamento?” Se assim fosse, argumenta, não haveria razão para a exclusão de Gregório de Matos. É então que Costa Lima examina a ideia de sistema literário notando a recorrência das atribuições de *coerência* e *organicidade* (MORAES, 2010, p. 69).

O resultado dessa tendência pelo “nacional” na obra de Candido é, na perspectiva de Costa Lima, “uma interpretação extremamente favorecedora da coesão homogeneizante. Quer-se dizer: em destaque de uma produção e de uma circulação literárias que favorecem a coesão nacional” (COSTA LIMA, 1991, p.161).

Seguindo os pressupostos de Costa Lima, o “sistema literário”, pensado como “nacional”, não se consolidou por um conjunto mais amplo de receptores. É fato que estes, como os produtores, estavam comprometidos com a formação e a afirmação da nacionalidade. Entra em discussão, então, uma “consciência nacional” como determinante na formação do sistema literário brasileiro. Essa consciência nacional, para Costa Lima, impôs aos escritores, a vontade de construir uma literatura nacional, compartilhando certos temas, imagens e tratamento da linguagem, tornando-se os elementos internos ao texto literário mais importantes na configuração do sistema articulado de obras do que os elementos externos:

Grandes temas presidem à formação da literatura brasileira como sistema entre 1750 e 1880, em correlação íntima com a elaboração de uma consciência nacional: o conhecimento da realidade local; a valorização das populações aborígenes; o desejo de contribuir com o progresso do país; a incorporação aos padrões europeus (CANDIDO, [1959] 2013, p.81).

Candido estuda a formação da literatura brasileira, mas outorga uma ênfase especial ao estudo das ideias da Independência que permitiram a consolidação do

caráter nacional brasileiro. Por isso, o autor concede uma dimensão heróica ao processo de formação da literatura, como ele mesmo afirma:

Se não lermos as obras que a compõem [a literatura brasileira], ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimatação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam – dos quais se formaram os nossos (CANDIDO, [1959], 2013, p. 9).

Aqui aparece, evidentemente, o sentido problemático da abordagem de Candido em relação ao pensamento nacional pois, segundo Costa Lima (1991), seu estudo da história literária com pressupostos da história nacional, legitimaria os escritores como heróis a serviço da nação e da civilização, responsáveis pelo seu progresso. Para Costa Lima, a *FLB* faz parte da crítica literária que privilegia o nacional, concebendo a história literária como uma sucursal da história política das nações, que, por sua vez, integram a grande marcha do progresso da civilização, concepção histórica perigosamente teleológica, sobretudo se observada sob um viés pós-colonial.

Para Candido, o peso simbólico do “nacional” dentro da *FLB* é um fato histórico que provém das ideias da época. É por isso que os processos de formação das literaturas nacionais apontam para uma especificidade de determinadas literaturas. A literatura, segundo Candido, tenderia a contribuir para a consolidação da identidade nacional nos países cuja identidade literária se articulava como um sistema no período de criação da nação. Pode-se considerar, então, que o processo de formação do sistema literário brasileiro, compreendido como fato histórico, esteve condicionado pela construção social de uma identidade nacional que participou nessa construção ideológica.

Costa Lima afirma que a atividade do campo literário no século XX está fundamentada em três aspectos essenciais: a ideia de literatura nacional, em curso desde o século XIX, a questão da especificidade literária e a relação da literatura com a

sociedade que a produz. Essa predominância do nacional no horizonte intelectual da época, para Costa Lima, fez com que as historiografias literárias se tornassem uma extrapolação da historiografia política, dinamizada pelo conceito de nação. Ao pensar os outros dois aspectos (a especificidade literária e a relação da literatura com a sociedade), Costa Lima assinala que estes teriam se afirmado precisamente pela negação da ideia de subordinação do literário ao enclave nacional. Esses aspectos teóricos foram se polarizando aos poucos entre uma crítica sociológica e o *New Criticism*, deixando pouquíssimos pontos de confluência, o que será o grande ganho do pensamento de Antonio Candido (COSTA LIMA, 1991, p. 149).

Segundo o anterior, o senso crítico de Candido, entendido como ponto de confluência destas duas tradições críticas, torna possível que o autor assumira um pensamento de construção dialética que acompanhará o crítico até seus últimos trabalhos publicados. Esse pensamento dialético se reconhecerá principalmente pela sua função integradora, não excludente, dos pólos contraditórios implicados no processo de análise do campo cultural, em termos gerais, e do sistema literário nacional, em sentido específico:

Dialética do local e do universal, nos seus próprios termos – a alternância de complementaridade, divergência e equilíbrio entre essas tendências exprime não só a lógica específica do sistema literário brasileiro, mas também a regra geral de certas linhas evolutivas de nossa sociedade a que o ensaio clássico de interpretação do Brasil deu nome de Formação. Por que chamar dialético a este processo de formação? Antonio Candido dá algumas razões às outras devemos presumir. Formalmente, ao que parece, porque se pode falar em dialética onde há uma integração progressiva por meio de uma tensão renovada a cada etapa cumprida. No caso da cultura brasileira, marcada pela tensão própria da dupla fidelidade ao dado local e ao molde europeu, um processo dual, portanto de integração e diferenciação, de incorporação do geral para se alcançar a expressão do particular (ARANTES, 1992, p.17).

Candido consegue abordar com distância crítica essa relação precisamente pela ênfase que confere à leitura das especificidades do texto literário e de suas ligações com o meio social. Nesse sentido, a *FLB* representa um ganho fundamental na medida em

que se preocupa com o fenômeno da relação entre formação literária e constituição da nação, pensando as relações complexas entre estrutura social e literária:

Tendo sido profundamente engajado nos assuntos de seu país, tendo passado pela ditadura do Estado Novo e posteriormente pela ditadura militar, Candido fez de seus escritos uma poderosa ferramenta de compreensão do Brasil. Ao mostrar como a literatura e a sociedade brasileira se formaram, o crítico nos possibilita entender os passos que demos enquanto país até chegarmos no estágio (calamitoso, por sinal) em que estamos e nos coloca a obrigação de continuarmos sua empreitada (e de tantos outros que se empenharam nesse projeto) na busca por compreender o país e na luta por possibilidades de transformação social radical (ARNT, 2010, p.11).

Segundo Candido, a ideia de fundar um país e uma literatura próprios permitiu o surgimento de alguns traços característicos no processo de consolidação da literatura brasileira, destacando-se o exotismo, a transfiguração do real, a tendência à explicação, a consciência do subdesenvolvimento, etc. A distinção dos processos nacionais à frente dos processos universais gerou um posicionamento estético diverso do que predominava no campo literário nacional: “isso levaria a propor a distinção de uma terceira fase, que se poderia [...] chamar de *super-regionalista*. Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (CANDIDO, [1989], 2006a, p. 50).

Com o estudo da formação da relação dialética nacional-universal na literatura brasileira, Candido consegue interpretar a literatura nacional como um processo “supra-regional”, conceito fundamental para a consolidação e o desenvolvimento do sistema literário brasileiro, pois a compreensão de um todo em suas partes permite a análise do regional a partir de um olhar para além do nacional, privilegiando um olhar cultural. Para entender esse processo, é fundamental compreender, então, a função social, ideológica e estética da obra literária. Afinal, ao discorrer sobre a função social, o autor enfatiza o funcionamento dos diversos integrantes do sistema literário em mente, os

quais relacionam o sentido sincrônico com o diacrônico da expressão literária. Segundo

Candido:

A função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade; e o lado voluntário da criação e da recepção da obra concorre para uma função específica, menos importante que as outras duas e frequentemente englobada nelas, e que se poderia chamar de função ideológica (CANDIDO, [1965], 2006, p. 55-56).

Ao interpretar a função social da obra literária dentro do sistema literário brasileiro, Candido reconheceu as implicações da influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte e, assim, visualizou a influência exercida pela obra de arte sobre o campo cultural nacional. Por conseguinte, dentro do seu método, uma das suas principais premissas é justamente que “não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua” (CANDIDO, [1965], 2006, p.28).

A questão do “nacional” funciona como um fio condutor da *FLB*, ao estudar dois momentos esteticamente antagônicos sob o foco do processo da independência nacional. O “nacional” permite, na interpretação de Candido, a leitura em sentido histórico e não geográfico, superando as leituras territorialistas, nativistas, que incluem dentro do processo nacional tudo o que aconteceu no território antes da existência da nação, gerando leituras anacrônicas. Nesse sentido, o processo de passagem de um movimento estético para o outro é entendido como um processo histórico. A preocupação pelo nacional é reconhecida, na obra, como uma categoria histórica, com estrutura e lógica própria. É por isso que conceitos como “empenho” são tão caros ao autor, pois concretizam uma leitura da história das ideias, reconhecendo, desde o princípio, que o “empenho pelo nacional” é uma questão do objeto estudado e não necessariamente uma ênfase do autor. Esse empenho programático no patriotismo

dentro do processo de formação da literatura brasileira representa um ganho do autor para compreender uma das etapas no processo de saída do pensamento colonial.

Em síntese, compreender o sistema literário como um objeto histórico, com momentos canônicos, que, por exemplo, na literatura brasileira podem ser pensados na figura de Machado de Assis, pode ser um movimento que permite compreender a interpretação feita por Candido, dado que, esse autor redimensionou e questionou as problemáticas desenvolvidas pela tradição brasileira. Machado leu seus predecessores e testou suas estruturas ficcionais, reconhecendo-se numa tradição nacional, mas também inevitavelmente, numa tradição além do nacional, assimilando na sua escrita outras grandes tradições, seguindo a herança de Cervantes, Sterne, Rabelais ou Flaubert:

Se voltarmos porém as vistas para Machado de Assis, veremos que este mestre admirável se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição dos costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antonio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores começam *da capo* e só os medíocres continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o que havia de certo nas experiências anteriores. Este é o segredo da sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas de Portugal e França (CANDIDO, [1959], 2013, p.304).

Candido fará o mesmo percurso, procedendo, primeiro, à leitura dos seus predecessores críticos – pense-se em Silvio Romero e Érico Veríssimo, entre outros, mas sempre considerando a literatura e a crítica brasileira como parte da grande tradição da literatura ocidental. Para interpretar o processo da *FLB* e o conceito de “sistema literário”, como a sua maior matriz, é preciso compreender esse conceito pensado no patamar da nação brasileira, como resultado do conjunto das formas sociais que constituem o local do literário na nação, muito além do meramente estético. Na *FLB*, esse processo é evidente na análise sobre Machado de Assis, pois o processo formativo

adquire vida quando esse autor é capaz de interpretar uma tradição estética local e valorizá-la dentro de uma estética universal:

A relação de continuidade, adensamento ou superação é constante, a ponto de se tornar uma força produtiva deliberada, uma técnica de trabalho. Lembra o que o próprio Antonio Candido notou a respeito de Machado de Assis, que teve a capacidade de utilizar e aprofundar a elaboração dos romancistas que o precederam, crescendo sobre os ombros de escritores que, ao menos em parte, eram bastante medíocres, mas cuja obra havia contribuído na transposição literária da experiência do país (SCHWARZ, 1999a, p.83).

A meditação sobre a obra de Machado de Assis será essencial na compreensão do sistema literário brasileiro, dado que esse autor representa, num sentido tangível, a acumulação literária das tradições locais e universais, nas condições proibitivas da dependência. O estudo do seu processo de formação permite reconhecer a sua atualização no contexto da literatura universal, mas também o seu conhecimento das tradições locais. Machado soube retomar criticamente as questões dos seus predecessores, contrastando-as como um elemento dinâmico subjacente às contradições do seu tempo.

1.4 O percurso crítico dos conceitos de Candido na América Latina

Não é exagerado afirmar que uma linha de estudos críticos sobre as literaturas na América Latina tem considerado a interpretação dos conceitos de Antonio Candido. De fato, esse autor formulou alguns textos críticos – poucos, se pensarmos na sua escrita tão prolífica – sobre esse continente e a sua literatura. Contudo, o interesse de alguns críticos da América Hispânica pelos conceitos de Candido não demonstra que a “América Latina” como um projeto tenha sido relevante na trajetória do crítico brasileiro. Candido escreveu pouco sobre esse tema e os seus poucos escritos podem ser considerados até tardios, se pensados com relação às dinâmicas ideológicas dos seus contemporâneos. Então, quais são as relações de Candido e seus conceitos com a

América Latina? É o que este aparte pretende entrever a partir da leitura de Gonzalo Aguilar, Pablo Rocca, Florencia Garramuño e Adriana Amante.

Com o empenho de compreender o papel tão problemático de Candido nos estudos latino-americanos, Gonzalo Aguilar destaca, por exemplo, que o interesse do crítico brasileiro em escrever sobre a América Hispânica começa com o texto “*Sous-développement et Littérature en Amérique Latine*” (1970)¹², interesse que começaria a crescer na revista *Argumento* (1973)¹³ e que, com as viagens do crítico a Cuba, a partir de 1979, recobriam especial interesse. No seu livro *Recortes* (1993), Candido publica alguns textos compilados das décadas de 1960 até 1990, quatro artigos e um discurso que nasceram do seu processo de contato com o mundo Hispânico: “Em (e por) Cuba” (1979), “Discurso em Havana” (1981), “Os brasileiros e a nossa América” (1989), “Cuba e o socialismo” (1991) e “O olhar crítico de Ángel Rama” (1993). O crítico brasileiro, logo depois, escreve também “O papel do Brasil na nova narrativa” (1979)¹⁴ e “Literatura, espelho da América?” (1995) textos que, segundo Aguilar, somados com algumas referências sobre a América Latina nos seus textos sobre literatura brasileira, não representam um grande *corpus* de interesse intelectual. “En este punto, Candido continuaba la tendencia cultural brasileña, que se remonta al siglo XVIII, de armar *corpus* con las literaturas metropolitanas y plantear la diferencia nacional en relación con éstas” (AGUILAR, 2001, p. 75-76).

Pablo Rocca (2006), por seu lado, destaca que o interesse pelo universo latino-americano começaria para Candido muito tempo antes; primeiro, com o diálogo intelectual e epistolar que mantinha com Rama desde 1960, e, segundo, com as palestras

¹² Texto originalmente publicado em francês no jornal *Cahiers d'Historie Mondiale*, v. 12, n.4, Unesco. Logo depois, seria traduzido e publicado, em espanhol, com o título “Literatura y subdesarrollo”, em *América Latina en su literatura* (1972). Finalmente, teria a sua publicação em português: “Literatura e subdesenvolvimento”, na revista *Argumento* (1973).

¹³ A revista *Argumento* só conseguiu completar quatro números até ser fechada pela ditadura militar em 1974. Nessa revista, tentavam-se incluir aportes da América Hispânica.

¹⁴ Publicado no jornal *Workshop the rise of New Latin American Narrative, 1950-1975* (1979).

que ministraria Candido na Universidade da República em Montevidéu, Uruguai, no mesmo ano:

Quando conheci Ángel Rama em Montevidéu, no ano de 1960, ele me declarou a sua convicção de que o intelectual latino-americano deveria assumir como tarefas prioritárias o conhecimento, o contato, o intercambio em relação aos países da América Latina, e manifestou a disposição de começar este trabalho na medida das suas possibilidades, seja viajando, seja se cartearando e estabelecendo relações pessoais. Foi o que passo a fazer de maneira sistemática, coroando as suas atividades quando, exilado na Venezuela, ideou e dirigiu a Biblioteca Ayacucho, patrocinada pelo governo daquele país, que se tornou uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental através da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto deste tipo na proporção adequada (CANDIDO, 1993a, p.140).

Pode-se considerar que se o olhar de Candido sobre a América Latina se limitasse à sua produção bibliográfica latino-americanista, talvez não teria tido a mesma relevância na tradição literária da América Hispânica. Porém, sua obra geral tem força tanto pelo peso crítico dos seus conceitos quanto pelo seu papel como agente cultural, ao possibilitar o encontro de críticos hispano-americanos com o campo literário brasileiro. A relação com Ángel Rama foi a mais forte nesse processo que, segundo Rocca (2006), constituiu um precedente até hoje para os estudos da crítica, da cultura e da literatura na América Latina, considerando-a, em alguns casos, como uma relação homogênea, estável e de igualdade programática – a ponto de ser impossível se pensar o olhar de Candido sobre a América Latina sem pensar na importância da figura de Ángel Rama. Contudo, essa relação intelectual, longe de ter se estabelecido em termos de homogeneidade, pode ser pensada, nas palavras de Grínor Rojo, como uma “corrida de revezamento”, pois Candido e Rama têm trajetórias diversas, que se encontram em diferentes momentos, mas com objetivos programáticos desiguais:

Pese a que se conocieron en 1960 en Montevideo y que, a partir de entonces, tuvieron una correspondencia sostenida, fue recién en la época de “Literatura y subdesarrollo” cuando comenzaron a concertar un programa crítico común. La verdad es que las vidas de Candido y Rama están muy lejos – pese a lo que pretenden algunos abordajes que gustan de la homogenización – de ser paralelas; son más bien, *vidas cruzadas*, trayectorias diversas entre sí que en

algún momento de sus recorridos, se encuentran transitando por un mismo derrotero. A principios de los años setenta, el cuestionamiento del modernismo cosmopolita y la necesidad de construir un relato alternativo transformaron esas afinidades en una confluencia programática y por primera vez entre los dos críticos surgió la posibilidad de encarar algunas tareas conjuntas (AGUILAR, 2001, p. 76)¹⁵.

Segundo Garramuño e Amante (2001), por exemplo, ler os textos sobre o sistema literário brasileiro de Candido é um caminho possível para entender o seu percurso na América Latina, pois, partindo destes, pode-se rastrear um caminho de interpretação quase paradoxal: “Donde Candido *olvida* Latinoamérica al pensar el Brasil puede rastrearse una manera de pensar el Brasil en Latinoamérica” (GARRAMUÑO & AMANTE, 2001, p. 95). Na perspectiva das autoras, é necessário refletir sobre quais conceitos de Candido têm servido para se pensar tanto a literatura brasileira quanto a latino-americana, pois essa possibilidade teórica evidencia a (in)transcendência da fronteira cultural entre as Américas portuguesa e hispânica.

Introducción a la literatura de Brasil (1968) será um grande precedente dentro da crítica do escritor brasileiro, que, ciente do conhecimento parcial que as nações hispânicas tinham – e em alguns casos mantêm – sobre a literatura brasileira, decide publicar, em Caracas, diretamente em espanhol, um breve estudo sobre a configuração do sistema literário brasileiro. Esse gesto indica um interesse evidente do autor por seu vizinho mais próximo, o mundo hispânico, mas conservando-o sempre como o outro. Essa obra indica, também, um interesse inverso, da crítica da América Latina por conhecer o Brasil, já que é republicada três anos depois em Havana, pela Casa das

¹⁵ “Em que pese terem-se conhecido em 1960 em Montevideu e que, depois disso, mantiveram uma correspondência continua, foi só na época de “Literatura e subdesenvolvimento” que ambos começaram a concretizar um programa crítico comum. A verdade é que as vidas de Candido e Rama estão muito distantes – apesar do que pretendem algumas abordagens que gostam da homogeneização – de ser paralelas; são melhor, *vidas cruzadas*, trajetórias diversas que em algum momento de seus percursos se encontraram transitando por um mesmo caminho. No começo dos anos setenta, o questionamento do modernismo cosmopolita e a necessidade de construir um relato alternativo transformaram essas afinidades em uma confluência programática e, por vez primeira, entre os dois críticos surgiu a possibilidade de encarar algumas tarefas comuns.”
O destaque é meu.

Américas. Nessa obra de 1968, Candido empreende uma leitura crítica, a qual consiste em reconhecer que, desde suas origens, a literatura brasileira foi estruturada pelo olhar do outro – pense-se, por exemplo, que a primeira história literária do Brasil, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), foi feita por um francês, Ferdinand Denis (1798-180).

“Dialética da Malandragem: caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*” (1970) é um texto complexo, interessante tanto para os estudos literários brasileiros quanto para os latino-americanos, já que estabelece uma série de ideias e movimentos que podem servir para pensar a literatura numa tradição mais ampla do que a brasileira. Candido, nesse texto, realiza uma releitura do romance de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), diferenciando-se das leituras que a consideravam mera cópia dos modelos europeus, pois, ao contrário, parte da ideia de que esse romance cria uma tradição própria da malandragem.

Essa distinção do local próprio a partir da periferia, contida no romance de Almeida e caracterizada por Candido, parece ir na contramão do modelo projetado na *FLB*. Afinal, se na *FLB* Candido demarcou uma tradição ligada pelos fatores homogêneos e contínuos, em “Dialética da malandragem” lê-se a ênfase do descontínuo, de um processo heterogêneo, de uma outra tradição, diferente à da *FLB*. Com “Dialética da malandragem...” Candido analisa uma outra tradição que dialoga com o cânone que legitima a *FLB*. Esta compreensão dialética permite entender que, para ele, um sistema literário não se compõe de uma tradição única, visto que, pela sua continuidade, costuma ser mais legitimada pelo sistema, existindo então, ao mesmo tempo, uma ou múltiplas tradições e culturas heterogêneas igualmente legítimas. Essas múltiplas tradições se articulam e desarticulam constantemente dentro de um mesmo

sistema, o que permite entender que existam diversas literaturas, sejam elas supra-regionais ou infra-regionais, dentro do sistema nacional.

Em “Literatura e subdesenvolvimento” (1970) Candido demonstra uma mudança de perspectiva que lhe permite pensar o sistema literário brasileiro com relação à América Latina. Esse texto representa, ao mesmo tempo, o começo de uma dessas confluências programáticas com Rama.

Este texto, bastante conhecido, discutiu, no calor da pior hora da ditadura brasileira, algumas mazelas da vida nacional, mas agora em perspectiva latino-americana. Era o começo dos anos 1970, por sinal a mesma época em que o pensamento cepalino, desde sempre latino-americanista, se expressou pela última vez de modo forte, por parte de pensadores brasileiros envolvidos com aquela instituição, como Celso Furtado, que esteve ligado à célebre instituição desde seu começo, e como Fernando Henrique Cardoso; e aqui temos um sintoma de sincronia das preocupações: agora, também para Candido se tratava de pensar as coisas brasileiras num quadro mais amplo, ao menos subcontinental, vendo as marcas compartilhadas entre o Brasil e os demais países da região, muitos deles, de resto, mergulhados em ditaduras militares igualmente (CASTRO, 2013, p.193).

Candido reconhece nessa obra, principalmente, a necessidade de inverter a relação cosmopolitismo/regionalismo, projeto que em Rama se consolida como *Transculturación narrativa en América Latina* (1982). Essa obra de Rama será lida como o resultado da luta do autor contra o cosmopolitismo, na procura de uma compreensão mais cultural da literatura da América Latina.

O texto de Candido, de 1970, ao ser impresso na revista *Argumento*, publicação em que logo depois Rama fará uma resenha do *Livro de Manuel* (1973), de Julio Cortazar (1914-1984), estreita o contato entre os dois críticos, tornando-o mais pessoal. Nesse mesmo ano, Rama ministra algumas aulas na USP e, logo depois, participa dos encontros na Unicamp (1980).¹⁶ Candido e Rama começam a coincidir em diferentes

¹⁶ O “Encuentro sobre historia de la literatura latinoamericana”, na Universidade de Campinas (Unicamp), se realizou do 4 ao 6 de julio de 1983. Deste encontro participaram, entre outros eminentes críticos, Antonio Cândido, Ángel Rama, Antonio Cornejo Polar, Beatriz Sarlo y Norman Potter. As palavras de Beatriz Sarlo, falando sobre o objetivo do encontro em Campinas fazem explicito o interesse comum destes críticos de se pensar as narrativas latino-americanas desde a sua heterogeneidade: “las dificultades

espaços intelectuais até que, finalmente, os dois trabalham em um projeto comum, ainda que de maneiras desiguais: compreender a relação profunda dos povos da América Latina através do seu pensamento. Esse projeto tomaria forma na Biblioteca Ayacucho, da qual Rama participaria como criador e editor e Candido apenas como assessor.

Para Candido, o subdesenvolvimento representa uma categoria histórica e social de representação das realidades da América Latina. Esse conceito medeia a relação com o cosmopolitismo, marcando constantemente a diferença temática e temporal dessas categorias, sendo que o subdesenvolvimento não leva necessariamente ao cosmopolitismo, nas palavras de Roberto Schwarz:

[...] o trajeto em direção do desenvolvimento não é o mesmo nos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos, embora aqueles sirvam de modelos para estes. O que não quer dizer que os últimos não se desenvolvam, mas que o seu desenvolvimento corre noutros trilhos, encontra problemas diferentes e é levado adiante por categorias sociais que tampouco são as mesmas (SCHWARZ, 1999b, p.41).

A diferença “temporal” e “temática”, exposta por Candido, permite compreender um grande espaço comum nas literaturas da América Latina, abrindo a possibilidade de encontro entre as culturas periféricas do continente. É por isso que o crítico aborda o caso da América Hispânica para, de maneira comparada com o sistema brasileiro, compreender a predominância de alguns temas, como o regionalismo. Candido legitima um cânone de autores latino-americanos, falando de García Márquez, Arguedas, Vargas Llosa, Guimarães Rosa e Rulfo como expoentes da confluência entre uma temática regional e um estilo cosmopolita:

Não se exigirá mais, como antes se exigiria explícita ou implicitamente, que Cortázar cante a vida de Juan Moreyra, ou Clarice Lispector explore o vocabulário sertanejo. Mas não se deixará igualmente de reconhecer que, escrevendo com requinte e superando o naturalismo acadêmico, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Vargas Llosa praticam em suas obras, no todo ou em parte, tanto quanto Cortázar ou Clarice Lispector no universo dos valores urbanos, uma espécie nova de literatura, que ainda se articula de modo transfigurador

expuestas por el corpus de la literatura latino-americana a una crítica que se piensa pensar la heterogeneidad como la unidad de textos, funciones y tradiciones culturales” (SARLO, 1980, p.4).

com o próprio material daquilo que foi um dia o nativismo (CANDIDO, [1989], 2006a, p. 162).

O regional, para esses escritores, segundo Candido, é um tema que subsiste por causa do subdesenvolvimento. Contudo, essa literatura está longe do realismo, pois se encontra mais num plano universal, mantendo-se num espaço que coaduna com os dois. O autor reconhece, então, que o regionalismo é um caminho mais genuíno para o universalismo, demonstrando, no caso dos autores latino-americanos, que foram precisamente os mais locais os que conseguiram a universalização da sua obra. Desse modo, a universalização do regional determina um sistema de compreensão que reconfigura o mapa cultural do continente. Esse será o aporte de “literatura e subdesenvolvimento” para os estudos literários e culturais na América Latina:

Y, si al evitar el *latinoamericanismo*, Candido obturó – por una parte – la consideración teórica de las diversas formas de articulación de ese conflicto, por otra evitó – por lo menos en la mayoría de sus estudios – la postulación de una similitud que habría hecho de ese pacifismo un más claro borramiento de las particularidades y diferencias de las culturas latinoamericanas. Tal vez sea precisamente ese *olvido* de Antonio Candido por la literatura de América Latina lo que le permita a la crítica cultural descubrir en él a uno de los pensadores más originales sobre la condición latinoamericana. A partir de ahí podrían esperarse teorizaciones más radicales y conceptualizaciones más teóricas sobre conflictos fundacionales (GARRAMUÑO & AMANTE, 2001, p. 114)¹⁷.

O proveito das teorizações de Antonio Candido, formuladas em torno da literatura brasileira, para a investigação das literaturas da América Latina é inquestionável. No seguinte capítulo, se tentará discutir, partindo do trabalho de Ángel Rama, tanto as convergências quanto as divergências conceituais desses dois críticos na interpretação das literaturas dos países latino-americanos, ressaltando um procedimento

¹⁷ “E, se ao evitar o *latino-americanismo*, Candido fechou – de um lado – a consideração teórica das diversas formas de articulação desse conflito, por outro lado evitou – pelo menos na maioria dos seus estudos – a postulação de uma similitude que teria feito desse pacifismo um maior apagamento das particularidades e diferenças das culturas latino-americanas. Talvez seja precisamente esse *esquecimento* de Antonio Candido em relação à literatura Latino-americana que permite à crítica cultural descobrir nele um dos pensadores mais originais sobre a condição latino-americana. Partindo disso poderiam se esperar teorizações mais radicais e conceitualizações mais teóricas sobre conflitos fundacionais”

teórico que tem se mostrado produtivo para o estudo das literaturas e das culturas do continente. Partindo da obra de Antonio Candido, procura-se uma abordagem detida de suas teorizações, reunindo elementos que permitam refletir sobre sua presença nos conceitos de Rama: “comarca cultural” e “transculturação narrativa”. O interesse recai, especialmente, sobre a apropriação, interpretação e superação das noções específicas intimamente relacionadas às ideias de “formação”, “sistema literário” e “supra-regional”

2 Ángel Rama: Para uma literatura latino-americana

Em 2014, completam-se 31 anos da trágica morte de Ángel Rama, que contava apenas 57 anos¹⁸ quando faleceu. Como legado, esse crítico deixou inúmeras obras, ensaios e artigos sobre o percurso da literatura e da cultura latino-americana. Contudo, apesar da distância histórica, ideológica e cultural, seu objetivo crítico – a construção de uma literatura latino-americana – ainda tem eco e força tanto na teoria literária quanto nos estudos culturais, permanecendo como um projeto em constante realização. Hoje, três décadas depois da sua morte, Rama pode ser considerado um dos principais pensadores da literatura e da cultura no continente, pois, após pouco mais de três décadas de labor acadêmico, seu pensamento mantém sua atualidade e destaque continental.

O processo de formação de um crítico como Rama começa a ganhar corpo na década de 1960, quando suas produções críticas e seus trabalhos intelectuais são norteados por um projeto comum: a América Hispânica. Desde sua inserção no campo intelectual uruguaio, no semanário *Marcha* (1939-1974), o autor abordava temas e problemas das narrativas, começando pelas hispânicas e, logo depois, estendendo-se para as latino-americanas. Nesse semanário, segundo Zanetti (1992), Rama inicia um exercício de aprofundamento, problematização e sistematização que caracterizaria todo o seu percurso crítico. A autora destacará que é em *Marcha* que o autor tem seu primeiro contato com intelectuais brasileiros, o que, logo depois, o levaria a ampliar seu projeto para um campo mais abrangente e plural: a América Latina. Para Zanetti, as leituras críticas, experiências acadêmicas e projetos editoriais posteriores do autor

¹⁸ No dia 27 de novembro de 1983, Rama morreu num acidente aéreo próximo ao aeroporto de Barajas, em Madri, Espanha, quando se dirigia ao “Primer Encuentro de la Cultura Hispanoamericana”, que seria realizado em Bogotá, Colômbia. Nesse acidente, morreram junto com Rama sua esposa, Marta Traba (1930-1983), os escritores Jorge Ibargüengoitia (1928-1983) e Manuel Scorza (1928-1983), além da pianista catalã Rosa Sabater (1929-1983).

partiram das mesmas questões que já se desenhavam nos seus primeiros artigos em *Marcha*.

Rama ingressou no grupo *Marcha*, sob a direção de Carlos Quijano, no ano de 1959, a partir do número 950, e ali trabalharia por nove anos contínuos. Seu ingresso em uma das publicações críticas mais consolidadas da esquerda do continente ocorreu em um contexto marcado por alguns fatos históricos que mudariam a história do mundo. Zanetti (1992) destacará fatos tais como a Guerra Fria, a revolução cubana em 1960, a ocupação da República Dominicana por parte dos Estados Unidos em 1965, assim como a Guerra de Vietnã e o estabelecimento das ditaduras militares no continente. No campo cultural se destacava, à época, o *boom* latino-americano, acompanhado de uma crescente indústria cultural, fatos que exerceriam impacto profundo no pensamento de Rama sobre a formação do campo cultural latino-americano.

Para a autora o caráter crítico e programático de Rama fez com que a seção literária de *Marcha* adotasse um viés profundamente social, sem se descuidar do estético, destacando-se a reflexão contínua sobre os modos como a arte e os intelectuais poderiam contribuir para as transformações sociais:

La briga por la recomposición o la transformación del campo intelectual uruguayo, primordial por su peso en el cambio de la sociedad uruguaya misma, dirige la sección literaria de *Marcha*, atenta a la modernización – el esfuerzo por la nacionalización entraña el colocar al Uruguay “en el concierto mundial” – combatiendo un regionalismo cerrado y conservador; implica la formación de un público informado y competente, y el aliento de los jóvenes creadores a través de concursos, de políticas editoriales adecuadas. De allí la presencia de notas sobre, “¿Qué leen los uruguayos?”, las ferias del libro, las relaciones entre escritores y público o sobre nuevas editoriales latinoamericanas. Se trata, en suma, de poner en marcha ese proyecto formulado al año de su ingreso: “La construcción de una literatura” nacional, a partir de la conciencia de sus lazos con la sociedad de la que ella proviene (ZANETTI, 1992, p. 929-930)¹⁹.

¹⁹ “A briga pela recomposição ou a transformação do campo intelectual uruguiaio, primordial por seu peso na mudança dessa mesma sociedade, dirige a seção literária de *Marcha*, atenta à modernização – o esforço pelo reconhecimento do Uruguai “no plano mundial” – combatendo um regionalismo fechado e conservador; implicando a formação de um público informado e competente, e incentivando jovens criadores através de concursos e de políticas editoriais adequadas, com a presença de notas sobre “Que lêem os uruguaios?”, além das feiras de livros, das relações entre escritores e o público ou sobre as novas editoras latino-americanas. Em suma, trata-se de por em marcha esse projeto formulado no ano do seu

Acompanhando a leitura de Zanetti, Rama será reconhecido pelo seu caráter crítico frente à literatura, dado que o autor procurou também estender suas indagações a outros campos disciplinares, como a antropologia e a sociologia (a contribuição do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro sobre o assunto seria fundamental, como se verá mais adiante). Segundo a pesquisadora, Rama se manteve sempre fiel a um projeto cultural com o qual fosse capaz de articular sistematicamente as diversas experiências literárias latino-americanas, em função dos vínculos culturais que se conservam no continente; projeto que ele mesmo reconheceria, haja visto o título de um dos seus artigos de 1960 remeter a um projeto de dimensões continentais, “La construcción de una literatura”.

O pensamento de Rama, tão característico pelo seu caráter militante, foi um traço marcante em sua produção crítica, a qual inclui desde o trabalho como jornalista até a pesquisa teórica, assim como a participação em palestras e congressos acadêmicos. Entre sua iniciação como autor de peças teatrais²⁰ até sua consolidação como crítico, Rama lecionará não apenas no Uruguai, como também em diversas universidades em países como Chile, Venezuela, Porto Rico, Alemanha e Estados Unidos. Esse percurso permitiu ao autor uruguaio reivindicar a revisão do cânone literário latino-americano, desde um olhar cultural mais complexo, partindo de perspectivas de diferentes locais da América, o que o levaria a trabalhar na procura de espaços de circulação para o conhecimento de uma cultura propriamente latino-americana. Desse modo, seu trabalho vai se materializando no percurso das suas viagens, assim como dos seus prolíficos

nascimento: “A construção de uma literatura” nacional, a partir da consciência de seus laços com a sociedade da qual ela surge”.

²⁰ Reconhecido fundamentalmente como crítico e editor, Rama também contribuiu no campo literário no Uruguai em múltiplos campos, seja como autor de peças de teatro como *Lucrecia* (1957), *La inundación* (1958) e *Queridos Amigos* (1961), seja como romancista ao publicar *¡Oh sombra puritana!* (1951) e *Tierra sin Mapa* (1961). Contudo, sua produção literária não teve fortuna crítica.

artigos e livros dedicados à experiência da literatura latino-americana como um espaço plural de confluência das culturas do continente.

A tentativa de legitimar e estruturar um campo literário comum para a América Latina, a partir de diferentes instâncias editoriais, mantendo sempre interesses supranacionais, permitiu ao autor deixar num mesmo patamar os clássicos da cultura latino-americana com outros novos escritores latino-americanos igualmente destacados, ainda que pouco conhecidos ou inéditos para algumas regiões culturais do continente.

A produção crítica de Rama foi se tornando cada vez mais abrangente, ocupando-se tanto da configuração do sistema literário no continente, quanto das últimas produções literárias da América Latina; leia-se, por exemplo, *Novísimos narradores hispanoamericanos en Marcha, 1964-1980* (1981).

Diante da modernização da narrativa ouve a necessidade de criar os parâmetros para focalizar a literatura latino-americana. Esses parâmetros, a *grosso modo*, serão: o impacto da modernidade nos campos literários e culturais da América Latina; os diversos processos históricos de dependência entre o campo literário e o poder; a integração cultural do continente, assim como a autonomia do escritor inscrito nesses processos:

Esto explica que el resto de la obra de Rama, y en particular sus textos relativos a la historia literaria latinoamericana, asuman su rol a partir del sistema literario establecido. Este punto de partida ciertamente supone la inserción social de su obra, o mejor, la conciencia de su determinación por el proyecto de la modernidad nacional; pero al mismo tiempo abre el horizonte para cuestionar la representatividad del canon y la legitimidad de los intelectuales que lo producen. (MARIACA, 2007, p.74)²¹

A tentativa de compreender o campo literário latino-americano como um todo problemático permitiu ao autor estudar o uso da linguagem simbólica da cultura pelos

²¹ “Isto explica que o resto da obra de Rama, e em particular seus textos relativos à história literária latino-americana, assumam seu papel a partir do sistema literário estabelecido. Este ponto de partida certamente assume a inserção social da sua obra, ou melhor, a consciência da sua determinação pelo projeto da modernidade nacional; mas ao mesmo tempo abre o horizonte para questionar a representatividade do cânone e a legitimidade dos intelectuais que o produzem”.

intelectuais do continente. Sua preocupação, então, incidiu sobre as transformações do papel do intelectual e do escritor nas sociedades latino-americanas, leitura à qual conferiu maior ênfase ao considerar sua condição de exilado,²² num clima político para o qual as tensões sobre o devido uso da linguagem simbólica e seu poder doutrinador ou revolucionário impregnam os dilemas que perseguem os intelectuais das décadas de 1960 e 1980. Nesse sentido, pode-se considerar o que o próprio Rama afirma em *La ciudad letrada*:

Con demasiada frecuencia, en los análisis marxistas, se ha visto a los intelectuales como meros ejecutantes de los mandatos de las Instituciones (cuando no de las clases) que los emplean, perdiendo de vista su peculiar función de productores, en tanto conciencias que elaboran mensajes y, sobre todo, su especificidad como desafiadores de modelos culturales, destinados a la conformación de ideologías públicas. (RAMA, [1984], 1998, p. 14)²³

O exílio marcaria um traço definitivo na personalidade intelectual e política do autor, que, de um lado, mobilizaria sua atividade crítica contra qualquer tipo de repressão ou ditadura e, de outro, aprofundaria suas reflexões sobre o exílio, condição partilhada por outros escritores e intelectuais da época, tanto nas sociedades capitalistas quanto nas comunistas do continente. Por isso, o autor decidiu focar parte dos seus estudos na constante e delirante figura do ditador latino-americano nas produções literárias do continente.²⁴

El exilio no es una invención reciente en la América Latina: toda su historia independiente de siglo y medio ha estado acompañada por obligados

²² Em 1973, durante o golpe de Estado no Uruguai, Rama se encontrava fora do país. Após esse triste acontecimento, o autor optou por não voltar a residir no país. Considere-se que Rama morreu dois anos antes de culminar a ditadura.

²³ Este trecho pertence a *La ciudad letrada*, publicação póstuma de 1984: “Com demasiada frequência, nas análises marxistas, tem-se visto os intelectuais como meros executores dos mandatos das Instituições (quando não das classes) que os empregam, perdendo de vista sua peculiar função de produtores, tanto pelas consciências que elaboram as mensagens e, sobretudo, por sua especificidade como desafiadores de modelos culturais, destinados à conformação de ideologias públicas”

²⁴ Leia-se: "La riesgosa navegación del escritor exiliado" (1978), "Reinaldo Arenas al ostracismo" (1981); "Política y naturaleza de los exilios latinoamericanos" (1980), ou "Norberto Fuentes: el narrador en la tormenta revolucionaria" (1983). Neste ponto tem que se pensar a polêmica no caso Padilla e a demissão do autor do comitê de colaboração de Casa de las Américas em 1971, depois de sete anos de trabalho comum.

desplazamientos del equipo político e intelectual de los diversos países, que encontró en Estados Unidos y en Europa, temporaria acogida mientras en sus patrias se hacía imposible su tarea. (RAMA, 1978, p. 5)²⁵

Contudo, o exílio permitiu a Rama aprofundar seus vínculos com diferentes pesquisadores, escritores e artistas – alguns deles em iguais condições de exílio –, o que possibilitou sua melhor compreensão dos diferentes processos culturais e literários do continente e, ao mesmo tempo, levou a compreender a necessidade de consolidar seu projeto de integração cultural latino-americana. Nesse propósito, reconhece a marca intelectual de Henríquez Ureña em *La utopía de América* (1925): “La integración cultural es un intento revolucionario que, en cuanto tal, se propone un futuro, construyendo la visión utópica de un continente y de una sociedad ideal” (RAMA, 1981, p. 50).²⁶

Como se tem discutido, é possível afirmar que os temas e problemas propostos por Rama em *Marcha*, com um rigor intelectual mais elaborado, persistem até as suas últimas contribuições, como o olhar cultural, as convicções sobre a função social da arte, a constante tentativa de estabelecer vínculos entre literatura e sociedade, assim como a especial atenção dada à questão entre ideologia e poética, ou o reiterado interesse pelo papel do intelectual na sociedade. Essas são questões que, constantemente, Rama tentou considerar pensando nas funções do crítico na sociedade. O crítico reconheceu com o seu trabalho como a crise e a crítica se reconhecem numa origem comum, pois, a seu ver, uma leva a outra a se manifestar no campo cultural, exigindo uma tomada de posição crítica como função social por parte dos integrantes do campo cultural.

²⁵ “O exílio não é uma invenção recente na América Latina: toda a sua história de independência de um século e meio tem sido acompanhada por deslocamentos obrigatórios do grupo político e intelectual dos diversos países, que encontrou nos Estados Unidos e na Europa acolhimento temporário enquanto que em seus países se fazia impossível essa tarefa”.

²⁶ “A integração cultural é uma tentativa revolucionária que, enquanto tal, se propõe a um futuro, construindo uma visão utópica de um continente e de uma sociedade ideal”.

Até seus últimos dias, o autor se manteve fiel ao seu projeto de construir uma literatura latino-americana, procurando continuidades que perfilassem tradições literárias, modos de abordar a linguagem, as temáticas, as problemáticas e os estilos com a identidade cultural e o imaginário social. Assim, são tecidas as redes culturais latino-americanas, sempre em tensão ou em diálogo com as experiências textuais, ideológicas, culturais, estéticas e sociais alheias. Para Rama, serão esses fios que constituirão uma plena expressão latino-americana, abrindo caminhos entre as diferentes áreas culturais, encontrando respostas plurais do literário e do cultural nas narrativas do continente.

2.1 O “sistema literário” de Candido na perspectiva de Rama

No início da década de 1960, segundo Pablo Rocca (2001), Antonio Candido ministrou uma série de palestras na Universidade da República no Uruguai. Nessa visita, conheceu Ángel Rama, um jovem crítico e escritor que já se perfilava entre os intelectuais mais representativos da sua geração. Esse encontro (desde o olhar de Rocca, foi frutífero para os dois), faria com que Candido conhecesse algumas problemáticas das literaturas da área hispânica da América, sobre as quais discutiria logo depois em artigos das décadas de 1980 e 1990, como se procurou demonstrar no capítulo anterior. Para Rama, esse encontro proporcionaria um modelo crítico que, além de conhecer o Brasil, mostraria um caminho possível para suas futuras teorizações, considerando que, segundo Rocca, o Brasil representava, até esse momento para Rama, como para a grande parte da crítica da América Hispânica, um território desconhecido, que tinha que ser preenchido caso se pretendesse desenvolver um projeto cultural latino-americano. Desse encontro ficaria como precedente o diálogo epistolar entre os dois autores e a entrevista que Rama faria para Candido: “Antonio Candido – la nueva crítica brasileña”,

a qual seria publicada em *Marcha*, em fevereiro de 1960. Nessa entrevista, a temática central foi o reconhecimento da fronteira cultural entre o mundo luso e o hispânico nas Américas, dando preferência à relação cultural Brasil-Uruguai.

Prontamente, Rama veria no desenvolvimento teórico de Candido a chave para elaborar uma visão dos processos literários dos países da América Hispânica e, logo depois, encontraria uma perspectiva latino-americana que incluiria o Brasil em seus interesses epistêmicos. Do seu encontro com Candido, segundo Rocca, esse diálogo significou:

La posibilidad de acercarse al más renovador de los estudiosos de una literatura desconocida para los hispanoamericanos y, de paso, le permitió el aprendizaje directo de algunas nociones que contribuirán a un método que, muy especialmente en esa época se empeña en edificar (ROCCA, 2001, p. 47)²⁷.

O mesmo Rama irá considerar a importância deste encontro no seu projeto de construir uma literatura para a América Latina:

Mi interés por la literatura brasileña fue normal expansión dentro de esa progresiva conquista de las diversas áreas literario-culturales del continente [...] En mi caso vino después de mi apropiación del área andina y antillana, aun antes de mi inmersión en la mexicana y comenzó tempranamente, a fines de los cincuenta y comienzos de los sesenta, facilitada por dos admirables intelectuales brasileños con quienes hice amistad: Antonio Candido, primero, a quien conocí en Montevideo cuando acababa de publicar su admirable *Formação da literatura brasileira* (1959), cuyas originales proposiciones teóricas traté entonces de divulgar en la zona hispanoamericana en artículos de *Marcha*, y Darcy Ribeiro que se instaló en Montevideo en 1964 a la caída del gobierno de João Gulart, cuya casa civil presidía, siendo por siete años profesor de nuestra Facultad de Humanidades, donde yo dirigía el Departamento de Literatura Hispanoamericana. (RAMA *apud* ROCCA, 2006, p. 219)²⁸

²⁷ “A possibilidade de ficar perto do maior renovador dos pesquisadores de uma literatura desconhecida para os hispano-americanos, ao mesmo tempo, lhe possibilitou a aprendizagem direta de algumas noções que contribuíram num método que, muito especialmente nessa época se empenhava em edificar”

²⁸ “Meu interesse pela literatura brasileira foi a expansão normal dentro dessa progressiva conquista das diversas áreas literárias e culturais do continente [...] No meu caso veio logo depois da minha apropriação pela área andina e antilhana, ainda que antes da minha imersão na mexicana que começou cedo, no fim dos anos cinquenta e começo dos sessenta, facilitada por dois admiráveis intelectuais brasileiros com quem fiz amizade: Antonio Candido, que primeiro conheci em Montevideu quando acabava de publicar seu admirável *Formação da literatura brasileira* (1959), cujas originais proposições teóricas tentei então divulgar na região hispânica em artigos de *Marcha*; e Darcy Ribeiro, que se instalou em Montevideu, em 1964, quando houve a queda do governo de João Goulart, cuja casa civil presidia. Além disso, foi professor de nossa Faculdade de Humanidades por sete anos, onde eu dirigia o Departamento de Literatura Hispano-americana”.

A reflexão teórica desses dois críticos sobre as literaturas da América Latina está direcionada aos temas e problemas comuns que ambos se empenharam em discutir em torno da reflexão social e estética da literatura. Nesse sentido, segundo Rocca, o pensamento dos dois converge para um ponto em comum: o processo de formação de uma literatura, seja brasileira ou latino-americana. Candido e Rama conseguiram interpretar, num patamar literário, filosófico e científico, tanto o significado do regionalismo quanto do cosmopolitismo literário, assim como o papel que exercem o escritor, a tradição e o cidadão na configuração de um sistema literário (ROCCA, 2001).

A questão problemática entre as estéticas regionalistas e cosmopolitas era o ponto conflitivo da crítica da época, sendo fundamental para o pensamento dos dois críticos. Para Candido, como se viu no primeiro capítulo, o regionalismo constituiria uma prática estética que, por questões históricas do Brasil, contribuiu para modelar os imaginários simbólicos do nacional, consolidando, pela primeira vez, a relação triangular entre autores, obras e público, por meio das narrativas fundacionais, num sistema literário. Mas essa categoria do regional não representava uma oportunidade para interpretar as novas narrativas dos anos de 1950. Por isso o crítico teve que procurar uma marca conceitual que perfilasse essas novidades literárias, às quais ele mesmo reconheceria como supra-regionais:

Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, pertence aparentemente ao gênero regionalista, habitual nas literaturas latinoamericanas, que ainda não puderam superar a apresentação pitoresca da realidade. Mas o seu significado é mais largo, porque nele o quadro local e sua cômica, apesar de expostos com uma capacidade prodigiosa de observação e informação, servem de veículo para dramatizar aspectos que não são próprios de um determinado tipo de homem brasileiro do sertão de Minas Gerais, mas formam a textura da alma de todos os homens. Este livro baseado na documentação mais real, atrai prolongamentos para uma esfera super-real. (CANDIDO, 1970, p. 61)

As novas narrativas dos anos de 1950 na América Hispânica exigiram uma leitura similar por parte de Rama, pois as categorias metropolitanas precedentes tinham observado o regionalismo a partir de um viés descritivo que mantinha a separação entre

regionalismo e cosmopolitismo.²⁹ Essa separação não permitia compreender as obras dos grandes escritores mais recentes, que Rama reconheceria como transculturadores considere-se as obras de Guimarães Rosa (1908-1967), Arguedas (1911-1969), Rulfo (1917-1986) e García Márquez (1927-2014). Rocca discorre sobre a teorização de Rama da seguinte maneira:

En “Medio siglo de narrativa latinoamericana (1922-1972)” escrito en esta última fecha, hay una vuelta de tuerca. El regionalismo se le aparece como una de las fuerzas motrices de la literatura latinoamericana, algo más que un movimiento restringido a una época fija sino una firme corriente interior autonómica que asume nuevas formas a medida que van rotando la lengua y los problemas sociales, estéticos y políticos. (ROCCA, 2006, p. 234)³⁰

Candido escreve seu texto “literatura e subdesenvolvimento” a pedido de Rama, em carta datada de 11 de dezembro de 1971:

En Lima estuve en una reunión de expertos de la UNESCO destinada a organizar un plan, realmente atrayente, de estudio de las culturas latinoamericanas. Transformamos la propuesta en una historia social de la literatura, las artes plásticas y la música en América Latina, concentrándola en una primera instancia en el siglo XX. Dividimos en zonas América Latina designando asesores para cada una de ellas, y pensé de inmediato en Ud. para el Brasil. Conocí en Lima a Sergio Buarque de Holanda, quien dijo que lo conocía y estimaba y también lo propuso. Por fin lo dejamos a él como asesor pensando que a Ud. le habría de corresponder el plan de literatura. Sería muy bueno que pudiera llegarse a un gran plan de trabajo común para ofrecer una nueva imagen, actual de nuestras culturas. (RAMA *apud* ROCCA, 2006, p. 334)³¹

²⁹ Nesse sentido, pode-se considerar a obra de Pedro Henríquez Ureña, especificamente seus estudos *Seis ensayos en busca de nuestra expresión* (1928) e *Corrientes Literarias en la América Hispana* (1941). Essas são obras fundamentais, nas quais a tendência de manter a separação entre regionalismo e cosmopolitismo permite mobilizar a compreensão da independência das primeiras literaturas da América Hispânica.

³⁰ “Em “Me dio siglo de narrativa latinoamericana (1922-1972)” escrito nesta última data, tem-se uma mudança de perspectiva. O regionalismo aparece como uma das forças motrices da literatura latino-americana, algo mais que um movimento restringido numa época fixa, uma firme corrente interior autônoma que assume novas formas à medida que vão mudando a língua e os problemas sociais, estéticos e políticos”.

³¹ “Em Lima estive numa reunião de profissionais da UNESCO destinada a organizar um plano, realmente atraente, de estudo das culturas latino-americanas. Transformamos a proposta numa história social da literatura, das artes plásticas e da música na América Latina, concentrando-a em uma primeira instancia no século XX. Dividimos a América Latina em regiões designando assessores para cada uma delas, e pensei de imediato em você, para o Brasil. Conheci em Lima o Sergio Buarque de Holanda, que disse que o conhecia e o estimava e por isso também o propus. Por fim, deixamo-lo como assessor pensando que você o corresponderia no plano da literatura. Seria muito bom que pudesse chegar num grande plano de trabalho comum para oferecer uma nova imagem, atual de nossas culturas”.

Nessa obra, Candido estuda com profundidade o conceito “supra-regional” ao compreender ser este um resgate e, ao mesmo tempo, um avanço, do regionalismo dos anos 1920. Candido o descreverá como “forma aguda de dependência na independência” (2006a, p. 143). Tanto sob o olhar de Candido quanto sob a perspectiva de Rama, essas novas narrativas supra-regionais consideravam o universalismo das narrativas da região, entendendo esses espaços regionais como locais não fixos, para além ou aquém do nacional. Pode se resgatar dessa leitura supra-regional, que Rama reconhece tanto a América Hispânica quanto o Brasil podem se encontrar culturalmente numa grande região cultural: a América Latina.

Rama elabora nas décadas de 1960 e 1970 um dos conceitos mais caros a Candido, o “sistema literário”, ao publicar em *Marcha* sua interpretação desse conceito no seu maior artigo programático, “La construcción de una literatura” (1960): “llamamos *literatura* a una creación estética que promueve el desarrollo histórico de una sociedad merced a un conjunto de escritores que en ella actúan y se dirigen” (RAMA *apud* ANTELO, [1960], 2001, p. 24).³² Neste artigo, Rama, seguindo as ideias de Candido, apropria-se da noção de “sistema literário” para interpretar as narrativas do Uruguai e conclui que o sistema literário do país só tem se desenvolvido num único setor, a literatura de tema gauchesco e campesino:

Una vez que se apropia y procesa la noción de “sistema”, Rama está listo para plantear su proyecto crítico inicial que consiste [...], en la recensión-promoción de lo presente y la revisión global del pasado y de lo inmediato. [...] La eficacia de la noción de “sistema”, que entrevió en 1960, fue empleada como vector fundamental del análisis. Justamente porque entendió que en la gauchesca, como lo había pensado Candido en un sentido general, el triángulo sistémico se entrelazaba con persistencia y coherencia interna como en ningún otro segmento articulado de la literatura rioplatense. (ROCCA, 2006, p. 230)³³

³² “Nomeamos *literatura* a uma criação estética que promove o desenvolvimento histórico de uma sociedade a serviço de um conjunto de escritores que nela atuam e dirigem”.

³³ “Uma vez que se apropria e processa a noção de “sistema”, Rama está pronto para propor seu projeto crítico inicial que consiste [...], na recensão e promoção do presente e da revisão global do passado e do imediato. [...] A eficácia da noção de “sistema”, que entreviu em 1960, foi empregada como vetor fundamental da análise, justamente porque ele entendeu que na gauchesca, como o tinha considerado

Rama, nessa época, considerava o “sistema literário” do Brasil, em relação paralela com o da América Hispânica, como dois objetos similares, porém distintos, sendo que os dois seriam parte integral do grande cânone ocidental. Seus estudos posteriores sobre o modernismo hispano-americano e seu maior conhecimento da literatura brasileira lhe permitiriam reconhecer o Brasil dentro do fenômeno da literatura latino-americana, segundo suas palavras: “hacia 1910 América había constituido ya un sistema propio, dentro del cual se había alcanzado un grado de eficiencia considerable en las relaciones de la creación con las estructuras generales” (1986, p. 114).³⁴

Essa tendência em descobrir linhas de continuidade dentro da tradição narrativa, tão característica do olhar de Candido, permitira a Rama reconhecer a modernização e as vanguardas como o ponto central na configuração do sistema literário do continente. Rama viu nessas correntes modernizadoras o equilíbrio entre as formas estéticas, as técnicas metropolitanas e a produção própria. Todas essas características estavam intercomunicadas por uma cultura comum, a qual, esteticamente, tentaria derrubar o nacionalismo, procurando novos caminhos para o regionalismo. Nos termos de Rama, esse processo pode ser entendido como “una riqueza de posibilidades y adecuaciones que, si en una visión nacional puede de pronto parecerse reducida, recobra su importancia cuando la apertura focal nos permite ingresar a toda América Latina como um único sistema literário común” (RAMA, 1973, 58).³⁵

Candido num sentido geral, o triângulo sistêmico se entrelaçava com persistência e coerência interna como em nenhum outro segmento articulado da literatura do Rio de Janeiro.

³⁴ “Desde 1910 a América já tinha constituído um sistema próprio, dentro do qual se tinha alcançado um patamar de eficiência considerável nas relações de criação com as estruturas gerais.”

³⁵ “Uma riqueza de possibilidades e adequações que, se num olhar nacional pode nos parecer reduzida, remonta sua importância quando a abertura do olhar nos permite observar toda a América Latina como um único sistema literário comum.”

O projeto latino-americanista de Rama levaria um tempo para se consolidar. Quase uma década se passaria desde seu primeiro encontro com Candido e com a literatura brasileira, sem que o crítico uruguaio se ocupasse propriamente das literaturas não hispânicas do continente, enquanto para o brasileiro a América Latina não chegou a se converter num projeto prioritário. Contudo, foi Candido quem indicou a Rama a importância estética e cultural do modernismo como consolidação do processo de formação da literatura brasileira. Esse viés teve grande importância, considerando-se as posteriores leituras sobre o modernismo feitas por Rama em consideração às leituras feitas pelo autor desde 1967. Enquanto Candido consolidou seus estudos na *FLB*, no processo de formação precedente ao sistema literário brasileiro, Rama reconheceria no modernismo brasileiro e nas vanguardas latino-americanas um ponto de formação em perspectiva para a construção de uma literatura latino-americana.

2.1.1 Ángel Rama e Darcy Ribeiro: confluências culturais

A importância dos estudos antropológicos de Darcy Ribeiro na obra crítica de Ángel Rama é produto de um encontro que, como no caso de Candido, também seria registrado nas páginas de *Marcha*, em texto de 1964 intitulado “Darcy Ribeiro: una generación brasileña”. Desse primeiro encontro resultaria, além de uma grande amizade, o interesse comum pela integração cultural latino-americana. A participação de Darcy Ribeiro não se limita à entrevista concedida a Rama, pois em *Marcha* foram publicados cinco textos seus, escritos durante o seu exílio, integrados numa série chamada “Universidad latinoamericana y desarrollo social”.

De fato, é inquestionável o aporte dos conceitos do Darcy Ribeiro nas obras de Rama, como argumenta Roseli Barros Cunha ao discorrer sobre a contribuição do brasileiro em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982):³⁶

Primeiro, é preciso que se recorde que o trabalho do uruguaio, publicado em 1982, foi, em sua maior parte, escrito ao longo da década de 1970 e, em ao menos dois de seus capítulos, há referências diretas à obra de Ribeiro. No segundo deles, “Regiones, culturas, literaturas”, cita-se a edição brasileira de *Américas e civilização, processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*, de 1979. Mas tanto no ensaio que deu origem a esse capítulo – Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana –, publicado na Revista de literatura hispanoamericana, quanto no terceiro capítulo – “El área cultural andina” – ambos de 1974, publicado nos Cuadernos Americanos com o título “El área cultural andina (hispanismo, mestizaje, indigenismo)”, faz-se referência à edição argentina de 1972. (CUNHA, 2005, p. 36)

Segundo a leitura desta estudiosa, esse primeiro encontro de 1964 se daria por causa do exílio de Ribeiro no Uruguai. Inclusive, em “Primeiro exílio” (1997), o antropólogo relata seu contato com os intelectuais de *Marcha*, ao participar da realização da *Enciclopedia Uruguaya: Historia ilustrada de la civilización uruguaya* (1968 - 1970), em companhia de Rama, projeto que tentaria constituir uma “Biblioteca básica de la cultura uruguaya”:

Junto com eles planejei e produzimos uma bela e lúcida Enciclopédia da cultura uruguaia [sic], que me permitiu tomar o pulso da intelectualidade no país. A enciclopédia foi produzida semana após semana e vendida nas bancas. Lá estava para os leitores um volume do tamanho de uma revista comum sobre uma época da História ou sobre um tema uruguaio e outro volume com texto da época, um livrinho. Produzir tudo isso em frequência acelerada durante um ano inteiro, com colaboradores que entregavam previamente a sua parte, e equipe gráfica que ilustrava cada unidade da melhor maneira possível, foi uma façanha nunca vista por mim. Muito difícil de repetir-se em qualquer parte. (RIBEIRO *apud* CUNHA, 2005, p. 37)

O viés antropológico dos conceitos de Rama decorre, em grande medida, da contribuição de Darcy Ribeiro. Esse olhar é mais evidente em TN, dado que nesse estudo o autor estabelece sua concepção das “comarcas culturais”. A esse respeito, a

³⁶ Daqui em diante, para me referir à obra *Transculturación narrativa en América Latina*, usarei a sigla TN.

professora Roseli Barros Cunha afirma, com base nos estudos tanto de Charles Wagley quanto de Darcy Ribeiro:

O primeiro [Wagley] fixa três grandes regiões: Afro-América, da qual fariam parte a costa atlântica, zonas baixas cuja atividade principal seria o cultivo em fazendas utilizando-se da mão-de-obra escrava em um regime senhorial, influência cultural negra e forte diminuição da indígena; a Indo-América, região da cordilheira dos Andes, em uma faixa entre temperada e fria, com forte composição indígena, economia baseada na criação de gado e agricultura, regime burguês de exploração. Ángel Rama sustenta que similar recorte fora proposto por Darcy Ribeiro, levando em consideração, de maneira mais acentuada, o Brasil, e atendendo melhor aos processos do que chama de “mestiçagem transculturadora”: povos-testemunhos (mesoamericano e andinos); povos-novos (brasileiros, grancolombianos, antilhanos e chilenos) e povos-transplantados (rioplatenses). (CUNHA, 2007, p.60)

Darcy Ribeiro, em obras como *Configuraciones histórico-culturales americanas* (1972), demonstra sua preocupação com os processos de formação das entidades étnicas e sua integração em diferentes tradições culturais, partindo do contato com outras culturas. Assim, segundo Cunha (2007), o autor brasileiro destaca os processos de “deculturación” e “aculturación” como passos que, posteriormente, permitem às “proto-etnias”, resultantes destes processos que se identificam dentro de um território nacional como culturas autênticas e, portanto, autônomas. Esta estudiosa destacará como Ribeiro analisou o conceito mesmo de “autonomia cultural”, mas apenas circunstancialmente, pois, segundo ela, para o autor, é possível se referir às situações de independência cultural quando se trata de sociedades afetadas de modo ativo ou passivo pelos processos civilizatórios (CUNHA, 2007).

Desde a perspectiva de Cunha esse aporte será vital na obra de Rama, sobretudo no seu desejo de compreender as relações entre literatura e sociedade sob um patamar além do nacional, pois Ribeiro categoriza as configurações histórico-culturais das Américas em quatro grandes subgrupos, dependendo da sua relação com a cultura Ocidental europeia:

Clasificamos una vez el conjunto de los pueblos extraeuropeos modernos en algunas categorías diferenciadas de acuerdo con su proceso de formación histórica y cultural. Hablamos allí, primero, de los Pueblos Trasplantados constituidos por la expansión de naciones europeas sobre territorios de ultramar en donde, sin mezclarse con la población local, reconstituían su paisaje y retomaban sus formas originales de vida [...] Es el caso de los EE.UU. y Canadá. [...] Entran también en esta categoría Argentina y Uruguay, aunque el caso de estos últimos se diferencia del resto ya que ambos sólo se europeizaron después de estructurarse como pueblos mestizos que construyeron sus países y lograron su independencia. En nuestra tipología vienen, en segundo lugar, los Pueblos Testimonio, formados por los remanentes actuales de altas civilizaciones originarias contra las cuales se enfrentó la civilización europea sin lograr, a pesar de todo, asimilarlos en la condición de nuevos implantes suyos [...] En América los representantes son México, Perú, Bolivia y Guatemala. [...] Nuestra tercera categoría, la de los Pueblos Nuevos, tiene que ver con aquellas poblaciones oriundas del mestizaje y del entrecruzamiento cultural de blancos, negros e indios de nivel tribal, y se ordenan bajo la denominación de los primeros; tales son, entre otros, los brasileños, los colombianos, los venezolanos y los cubanos. [...] La cuarta configuración histórico-cultural de nuestra tipología se refiere a los Pueblos Emergentes [...] En las Américas esta categoría está representada principalmente por las masas de los grupos indígenas del altiplano andino, de Yucatán y de Guatemala. Son los sobrevivientes de la civilización incaica, de la civilización azteca, y de la maya que, después de siglos de la más terrible opresión, comienzan a estructurarse como pueblos en sí, aspirando a la autodeterminación. (RIBEIRO, 1984, p. 27-28)³⁷

Essa olhar de Cunha sobre os conceitos de Ribeiro relacionados ao olhar transculturador de Rama é fundamental sob, pelo menos, três pontos de vista: em primeiro lugar, por contribuir para o aprofundamento da visão cultural do autor sobre o continente; em segundo lugar, por lhe proporcionar categorias antropológicas para estudar o fenômeno literário; e, em terceiro lugar, por ampliar sua perspectiva sobre a

³⁷ “Classificamos uma vez o conjunto dos povos extra-europeos modernos em algumas categorias diferenciadas de acordo com seu processo de formação histórica e cultural. Falamos ali, primeiro, dos Povos Transplantados constituídos pela expansão de nações européias sobre territórios de ultramar onde, sem se misturar com a população local, reconstituíam sua paisagem e retomavam suas formas originais de vida [...] É o caso dos EE.UU. e Canadá. [...] Entram também nessa categoria Argentina e Uruguai, ainda que o caso destes últimos se diferenciam dos outros já que os dois só se europeizaram depois de se estruturar como povos mestiços que construíram seus países e lograram a sua independência. Em nossa tipologia vem, em segundo lugar, os Povos Testemunhas, formados pelos remanentes atuais das altas civilizações originárias contra as quais enfrentaram a civilização européia sem conseguir, apesar de tudo, assimilá-los na condição de novos implantes seus [...] Na América os representantes são México, Peru, Bolívia e Guatemala. [...] Nossa terceira categoria, a dos Povos Novos, tem a ver com aquelas populações oriunda da mestiçagem e do entrecruzamento cultural de brancos, negros e índios de nível tribal, que se ordenam abaixo da denominação dos primeiros; tais são, entre outros, os brasileiros, os colombianos, os venezuelanos e os cubanos. [...] A quarta configuração histórico-cultural de nossa tipologia se refere aos Povos Emergentes [...] Nas Américas esta categoria está representada principalmente pelas massas dos grupos indígenas do altiplano andino, de Yucatán e de Guatemala. São os sobreviventes da civilização Inca, da civilização Azteca, e da civilização Maia que, depois de séculos de opressão, começaram a se estruturar como povos com o objetivo de conquistar a sua autodeterminação”.

América Latina, permitindo-lhe pensá-la como um todo, ao contrário da maioria das leituras posteriores, que mantinham a fronteira entre a América Hispânica e o Brasil. Rama, partindo do olhar de Ribeiro e de Henríquez Ureña, “valorizava as peculiaridades regionais acima das arbitrárias divisões geopolíticas” (CUNHA, 2013, p. 139). Além disso, o autor caracteriza o continente sob uma perspectiva sócio-cultural, como “comarcas culturais”, o que lhe permite compreender, nos processos culturais, o regional-cultural com maior predominância do que o nacional-político. A divisão da América Latina em regiões culturais, proposta por Rama, seguindo o caminho de Ribeiro, favoreceu a expansão do conceito de “sistema literário” de Candido, ampliando o olhar sobre as culturas do continente, mas permitindo, também, a concentração específica nas características sociais, políticas, culturais e econômicas de cada uma dessas regiões.

2.1.2 Do conceito de “supra-regional” ao de “comarca cultural

Nos idos de 1959, Rama pretendia realizar uma leitura total da tradição literária uruguaia na *Enciclopedia uruguaya*, obra na qual trabalhou junto a Darcy Ribeiro. Rama esse projeto como uma estrutura histórica em construção, em comunhão com a realidade social e política da época. Partindo do seu encontro com Candido e Darcy Ribeiro em *Marcha*, o uruguaio reconheceu a necessidade de interpretar a literatura dentro de um sistema “supra-regional” que respondesse às necessidades culturais próprias de cada literatura regional. Essa superação do nacional, em Rama, deixava de lado a pretensão de conter uma literatura dentro de cartografias políticas nacionais e propalava a necessidade de pensar o continente em “comarcas culturais”:

No basta que haya obras literarias, buenas y exitosas, para que exista una literatura. Para alcanzar tal denominación, las distintas obras literarias y los movimientos estéticos deben responder a una estructura interior armónica, con

continuidad creadora, con afán de futuro, con vida real que responda a una realidad de la sociedad en que funcionan. (RAMA, 2001, p. 22)³⁸

Um precedente fundamental que acompanhou a reflexão sobre o conceito “comarca cultural”, além dos pressupostos de Charles Wagley e Darcy Ribeiro, é a interpretação que faz Pedro Henríquez Ureña (1941). O autor dominicano já identificava na América Latina a existência de regiões culturais, multilíngues e supranacionais, dotadas de uma relativa homogeneidade ou de formas aparentes de criação artística que se influenciavam mutuamente:

Constituimos los hispanoamericanos grupos regionales diversos: lingüísticamente, por ejemplo, son cinco los grupos, las zonas. ¿Es de creer que tales matices no trasciendan a la literatura? No; el que ponga atención los descubrirá pronto, y le será fácil distinguir cuándo el escritor es rioplatense, o es chileno, o es mexicano. [...] Hay más: en América, cada país, o cada grupo de países, ofrece recursos peculiares suyos en la literatura, a pesar de la lengua recibida. (HENRÍQUEZ UREÑA, 1989, p. 48)³⁹

O conceito de “grupos regionais” de Henríquez Ureña é enriquecido por Rama com a leitura das regiões culturais de Ribeiro e o conceito “supra-regional” de Candido. Com esse conceito, Rama compreende e supera a disjunção entre o mundo rústico e o mundo urbano, fomentada por Henríquez Ureña, procedendo a uma leitura mais abrangente que considerava também, por exemplo, as literaturas dos imigrados, e as diferentes modalidades da escrita de gênero, entre outras. Devido à vinculação desses conceitos, sob o olhar de Rama é possível observar tendências orgânicas supranacionais no interior das literaturas latino-americanas, sem ter que procurar mais sistematicamente

³⁸ “Não é suficiente que se tenham obras literárias boas e bem sucedidas, para que exista uma literatura. Para alcançar tal denominação, as distintas obras literárias e os movimentos estéticos têm que responder a uma estrutura interior harmônica, com continuidade criadora, com afã de futuro, com vida real que responda numa realidade da sociedade em que funcionam”.

³⁹ “Constituimos os hispano-americanos grupos regionais diversos: linguisticamente, por exemplo, são cinco os grupos, as regiões. É possível que esses matizes não transcendem a literatura? Não; os que prestam atenção descobrirá logo, e será fácil distinguir quando o escritor é rio-platense, ou é chileno, ou mexicano. [...] E tem mais: na América, cada país, ou cada grupo de países, oferece recursos peculiares próprios na literatura, apesar da língua recebida”

a comparação com os processos das culturas europeias ou norte-americanas, durante muito tempo tomadas como matrizes dos desenvolvimentos do sul do continente.

Segundo Rama, é possível empreender uma leitura das “comarcas culturais” a partir de um viés supra-regional. Pode-se observar, por exemplo, a comarca das pampas com ação na Argentina, Uruguai e no sul do Brasil; a andina, que iria do norte da Argentina até a Colômbia e a Venezuela; a caribenha, que se reconhecera no litoral atlântico da Colômbia e da Venezuela; a amazônica, assim como as planícies entre o Brasil e a Bolívia, são imensas comarcas independentes, do mesmo modo que as da América Central: “Este segundo mapa latinoamericano es más verdadero que el oficial cuyas fronteras fueron, en el mejor de los casos, determinadas por las viejas divisiones administrativas de la Colonia y, en una cantidad no menor, por los azares de la vida política” (RAMA, 1982, p. 58).⁴⁰

Em “Un proceso autonómico: de las literaturas nacionales a la literatura latinoamericana” (1974), Rama assume a tarefa de pensar uma literatura continental que se mantenha unida para além das diferenças linguísticas. Com isso, o autor uruguaio assume um projeto cultural que transcende as divisas políticas, pois não se pode esquecer que, na época, as nações latino-americanas sofriam instabilidade política. Surge, então, a pergunta pela unidade de nossas culturas – como resposta e defesa frente a estes acontecimentos –, pergunta que Rama resolverá com a interpretação da literatura latino-americana como um sistema, entendido à maneira de Candido:

Hablar de una literatura regional latinoamericana era para él hablar del “sistema” de la literatura regional latinoamericana, sistema que, como le había enseñado Candido en el libro de fines de los cincuenta, debía tener tanto un punto de despegue como una línea de continuidad. Como hemos visto, el

⁴⁰ “Este segundo mapa latino-americano é mais verdadeiro que o oficial pois as fronteiras foram, no melhor dos casos, determinadas pelas velhas divisões administrativas da Colônia e, em uma quantidade não menor, pelos azares da vida política”.

despegue Rama lo buscó, y yo creo que lo encontró, en el modernismo. (ROJO, 2007, p. 28)⁴¹

No artigo “Diez problemas para el novelista latinoamericano” (1972), Rama concebe as literaturas latino-americanas como divisões puramente históricas da atividade literária, segundo cada nação. Todavia, adverte que essas literaturas se fundem em uma espécie de bloco transnacional, constituído por certas regiões que passaram por um processo de fragmentação. Rama elabora, então, um de seus conceitos mais conhecidos quando designa essas regiões como “comarcas culturais”. Comarcas essas que são definidas como segmentos do continente onde se encontram homogeneidade de elementos étnicos, natureza, formas de sociabilidade, tradições da cultura popular, que convergem em formas narrativas.

2.2 Vanguardismo e modernismo: fundadores da autonomia literária

Num primeiro momento, para Rama, aparece um elemento que transcende todas as “comarcas culturais” e que serve de critério para delimitar um determinado universo literário: a língua. Como se tem visto, Rama define inicialmente o mundo hispano-americano como uma tradição diferente, da qual se exclui o Brasil considerando que uma tradição não anula outra e que seu movimento é quase paralelo. Para Rama, portanto, em um primeiro momento, existem dois grandes sistemas literários separados pela sua língua: a América Hispânica e o Brasil. Posteriormente, no estudo “Medio siglo de narrativa latinoamericana 1922-1972” (1982), Rama atenua a dicotomia presente nessa visão e passa a trabalhar com dois níveis que se interpenetram: um deles, mais restritivo, o hispano-americano, e outro, mais amplo, o latino-americano, no qual o

⁴¹ “Falar de uma literatura regional latino-americana foi para ele falar de um “sistema” da literatura regional latino-americana; sistema que, como lhe tinha ensinado Candido no livro dos finais dos anos cinquenta, tinha que ter tanto um ponto de partida como uma linha de continuidade. Como temos visto, o ponto de partida Rama o procurou, e eu acredito que o encontrou, no modernismo”

Brasil é protagonista fundamental. Segundo esse ponto de vista, partindo das últimas décadas do século XIX, a América Latina desenvolveu seu sistema literário próprio, em dimensão continental, formando o que Rama designa “un único sistema literario común”, do qual Brasil seria parte integral e não simplesmente um *corpus* paralelo:

Debe reconocerse a los escritores de la modernización el rango de fundadores de la autonomía literaria latinoamericana, en este nuevo nacimiento de la región. En el mismo tiempo en que surgen las primeras historias de las literaturas nacionales, vinculando el pasado colonial con los años de la independencia y fijando fronteras frecuentemente artificiales con las literaturas de los países vecinos, la intercomunicación y la integración en el marco literario occidental instauran la novedad de un *sistema literario latinoamericano* que, aunque débilmente trazado en la época, dependiendo todavía de las pulsiones externas, no haría sino desarrollarse en las décadas posteriores y concluir en el robusto sistema contemporáneo. (RAMA, [1970], 1985, p. 87)⁴²

É fundamental reconhecer que o conceito de “sistema literário” elaborado por Candido se atém às fronteiras do nacional, delimitando-se aos critérios históricos e culturais que permitem compreender a relação de uma sociedade com as suas produções literárias. O avanço das teorizações de Rama, nesse sentido, implica na ampliação desse conceito às fronteiras da América Latina como um todo. Dada a amplitude e diversidade cultural do continente e a procura por empreender uma melhor teorização, Rama descreve, logo depois, o continente nas suas diferentes “comarcas culturais”. Essa leitura do continente para além das fronteiras geopolíticas – as quais, na América Latina, são, em grande medida, heranças do passado colonial – permite ao autor reconhecer a cultura como um movimento antropológico e cultural, longe do nacional. Será precisamente essa leitura que o levaria a inserir o Brasil na sua noção de América Latina.

⁴² “Tem-se que reconhecer nos escritores da modernização o nível de fundadores da autonomia literária latino-americana, neste novo nascimento da região. Ao mesmo tempo em que surgem as primeiras histórias das literaturas nacionais, vinculando o passado colonial com os anos da independência e fixando fronteiras frequentemente artificiais com as literaturas dos países vizinhos, a intercomunicação e a integração no marco literário ocidental instauram a novidade de um *sistema literário latino-americano* que, ainda que debilmente traçado na época, dependendo, todavia das pulsões externas, não faria se não desenvolver nas décadas posteriores e concluir no robusto sistema contemporâneo”

Na primeira metade do século XX, houve uma notável mudança integradora no panorama das literaturas latino-americanas. Partindo-se da “Semana de Arte Moderna” de São Paulo, assim como dos movimentos nordestinos da década de 1930, constituiu-se a vanguarda difundida em grupos literários no Brasil; na América Hispânica, surgiria uma geração de criadores, sobretudo de poetas, que operariam mudanças em conjunto, dando um sentido de simultaneidade à produção literária desde o México até a Argentina. Do lado brasileiro, o nome reivindicado foi o “modernismo”; na América Hispânica, os artistas se denominaram “vanguardistas”. Não obstante, apesar dos nomes diferentes, esses movimentos de renovação tiveram um ritmo comum, propósitos semelhantes e interfaces estéticas significativas.

Para toda a América Latina, a produção literária girou em torno do domínio da “novidade”. Multiplicaram-se as revistas e os manifestos programáticos. *Los Nuevos* era o nome da revista criada em Montevideu (1920) e Bogotá (1925-1945); no Brasil, destacava-se a *Revista Antropofagia* (1928-1929), com o seu reconhecido *Manifiesto Antropófago*; no México, surgia *Contemporáneos* (1928); no Perú, *Amauta* (1926-1930); em Cuba, *Avance* (1927-1930).

A novidade dos movimentos consistia em não querer superar apenas o passado; queriam também superar o presente, projetando-se para o futuro. Como argumenta Flavio Aguiar, em muitos países os rápidos processos de industrialização e urbanização agitaram as raízes e as tradições herdadas do passado. Novas ocupações de imigrantes reorganizavam os espaços urbanos, rurais e a paisagem cultural. As classes médias ganhavam espaço e reivindicavam mais os seus direitos; as oligarquias tradicionais entravam em crise financeira, enquanto cresciam os poderes de uma nova burguesia industrial e mercantil; um novo proletariado urbano estava em formação; levas de migrantes se dirigiam às cidades, que se convertiam em metrópoles agitadas e centros

de modernização; por outro lado, a população rural começava a reivindicar a terra e melhores condições de vida. Esse fenômeno foi lido no Brasil da seguinte maneira:

O processo aberto pela Revolução Mexicana, a partir de 1910, deu visibilidade mundial aos dramas do continente, onde cresceram a visão e o sentimento de que era necessário superar o seu “atraso”, atingindo de vez a “contemporaneidade” com as sociedades avançadas. Progressivamente essa forma de consciência politizou-se tanto à direita como à esquerda com a ascensão do comunismo na União Soviética, do fascismo na Itália, e do nazismo na Alemanha. (AGUIAR, 2013, p. 39)

Num impulso radicalmente inovador, as vanguardas criaram uma dupla tendência na América Latina. A primeira tendência procurou no reconhecimento do público europeu um público universal, internacional. A segunda tendência se fixou na realização de mudanças na construção da América Latina e de seu público, ainda que este fosse escasso ou inerte. Essas duas tendências conviveram e se entrelaçaram constantemente, segundo Oliveira:

Na América Latina existiriam dois focos de vanguarda, São Paulo e Buenos Aires. Nessas duas cidades, verifica-se a ocorrência de uma vinculação com as idéias vanguardistas europeias, através da proposta de uma ruptura radical com o passado e da referência a uma realidade virtual que se projeta no futuro. As vanguardas europeias representariam, nesse caso, um estímulo e um modelo, imprimindo uma direção universalista à produção literária. A segunda postulação diz respeito à chamada “cor local”, que tende ao realismo, suscita o regionalismo e manifesta claramente uma certa continuidade com o passado, pois pressupõe a valorização das tradições e alimenta um certo sentimento de nostalgia, resistente às inovações do mundo contemporâneo. Mas como as tendências renovadoras se exprimiram por vezes nos termos do regionalismo, houve na América Latina uma “dupla vanguarda”, gerando uma ambiguidade de difícil solução. (OLIVEIRA, 2000, p. 100)

Ao retomar as marcas da herança cultural, seja para avaliá-las, seja para negá-las, o vanguardismo, afirma Rama, no seu texto *Medio siglo de narrativa latinoamericana*, não só inventou o futuro como também reinventou o passado; essa releitura do passado explicava a ruptura com o presente, com as formas estéticas estabelecidas por este, na procura incessante do “novo”. Algumas vezes, a novidade estava naquele próprio passado, sob a forma de tradições insuspeitadas, dispersas ou

perdidas, como em grande medida aconteceu com as culturas indígenas e as de origem africana, e até com as dos imigrantes, como minorias silenciadas.

As vanguardas transmitiram como legado para o futuro, segundo Rama, a valorização da excentricidade, o que continuou ao longo de todo o século XX sob a forma dos contínuos redescobrimentos dos esquecidos, como sucederia com escritores como Sousândrade (1832-1902), Felisberto Hernández (1902-1964), José Asunción Silva (1865-1896) ou o mesmo Macedonio Fernández (1874-1952). O mesmo viria a ocorrer na crítica, com a posterior ênfase dos estudos nas literaturas populares de cordel e nas chamadas “oralituras”.⁴³

2.3 O conceito de “Transculturação narrativa” em Rama

O conceito “transculturación”, tomado do livro de Fernando Ortiz (1881-1969) *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* (1940), é uma referência quase obrigatória nos estudos culturais e literários, com vistas a um fenômeno para além da mestiçagem nas Américas. Nomeado “terceiro descobridor”⁴⁴ de Cuba, Ortiz, (depois de Colombo e Humboldt), possui uma obra antropológica que ajudou a constituir a formação identitária da nação, ao analisar a dinâmica da formação social econômica e cultural do seu país:

Entendemos que el vocablo “transculturación” expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz angloamericana “aculturation”, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial “desculturación”, y además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse

⁴³ De acordo com Walter Ong, é impertinente denominar as formas artísticas orais como “literatura oral”, dado que a raíz “littera” que compõe a palavra “literatura” faz alusão à escritura; por isso, “considerar la tradición oral o una herencia de representación, géneros y estilos orales como ‘literatura oral’ es algo parecido a pensar en los caballos como automóviles sin ruedas” (ONG, 2006, p. 26). Por isso, é mais relevante denominar como “oralitura” a tradição oral, de modo que não se desconhece seu material verbal oral, mas também não se deixa de lado o seu aspecto estético.

⁴⁴RAFAEL, Luis. “Fernando Ortiz tercer descubridor de Cuba”. In: <http://cvc.cervantes.es/el_rinconete/anteriores/abril_06/04042006_01.htm>. Acesso em: 10 abr. 2013.

“neoculturación”... En todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una “transculturación”, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola. (ORTIZ, 1983, p. 83)⁴⁵

Na obra de 1940, Ortiz consegue modular um aparato crítico que baseado na comparação dialética entre o tabaco e o açúcar, principais produtos da economia cubana, consegue propor o uso do conceito “transculturação” para entender as realidades da ilha. Ao fazer uma arqueologia da formação do povo cubano, o autor consegue reconhecer os processos de transculturação, sempre em movimento, entre nativos indígenas, europeus e afro-descendentes na configuração da sua nação, destacando nesse processo não só o contato racial como também o contraponto de culturas, economias e olhares divergentes. O autor elabora esse novo conceito para abarcar, significar e superar a mestiçagem como um contato racial e compreendê-la em toda a sua magnitude, como um processo contínuo de constante confronto das culturas. Esse conceito é substancialmente diferente do conceito de mestiçagem, pois tenta significar o movimento que subjaz ao encontro cultural, que se pensa para além do contato racial:

Transculturación... es un proceso en el cual emerge una nueva realidad, compuesta y compleja; una realidad que no es una aglomeración mecánica de caracteres, ni siquiera un mosaico, sino un fenómeno nuevo, original e independiente. Para describir tal proceso, el vocablo de raíces latinas *transculturación* proporciona un término que no contiene la implicación de una cierta cultura hacia la cual tiene que tender la otra, sino una transición entre dos culturas, ambas activas, ambas contribuyentes con sendos aportes, y ambas

⁴⁵ “Entendemos que o vocábulo “transculturação” expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque este não consiste somente em adquirir uma distinta cultura, que é o que em rigor indica a voz anglo americana “aculturation”, se não que o processo implica também necessariamente a perda e o desenraizamento de uma cultura precedente, o que pudera se dizer numa parcial “desculturación”, e aliás, significa a consequente criação de novos fenômenos culturais que puderam denominar-se “neoculturación”... Em toda confluência de culturas sucede o mesmo que na cópula genética dos indivíduos: a criatura sempre tem algo de ambos os progenitores, mas também sempre é distinta de cada um. Em conjunto, o processo é uma “transculturação”, e este vocábulo compreende todas as fases da sua parábola.”

cooperantes al advenimiento de una nueva realidad de civilización.
(MALINOWSKI, 1983, p. XII)⁴⁶

Ortiz, com esse conceito, conseguiu fazer uma obra de equilíbrio teórico e metodológico, baseada numa reflexão original, com a qual se podem compreender os paradoxos culturais que fazem parte da origem e formação dos povos da América Latina. Rama constituiria, partindo da leitura de Ortiz, um conceito próprio, “transculturação narrativa”, para interpretar as mudanças culturais nas literaturas da América Latina.

O ponto de partida do autor em TN é a discussão entre vanguardismo, modernismo, e regionalismo. Segundo Rama, a introdução de novas formas literárias por parte dos escritores vanguardistas e modernistas, nos setores urbanos da América Latina, significou a superação do movimento regionalista que predominava no continente. Frente às expressões modernizadoras, seriam três as respostas dos escritores regionalistas: a primeira, consistiria na aceitação total das novas formas narrativas; a segunda, na negação total dessas novas estéticas; e a terceira, na “plasticidade cultural”, com a qual se integram as tradições estéticas aos novos modelos. Estes, para Rama, serão os transculturadores.

O conceito de “transculturação narrativa” reelabora o conceito do Ortiz para o contexto das literaturas da América Latina, considerando como fator fundamental a autonomia literária. Para Rama, os critérios de seleção e de criação são próprios da autonomia literária, dado que legitimam a criatividade de uma cultura. O autor uruguaio considera fundamental, dentro das narrativas transculturadoras, três traços

⁴⁶ “*Transculturação...* é um processo no qual emerge uma nova realidade, composta e complexa; uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem sequer um mosaico, senão um fenômeno novo, original e independente. Para descrever tal processo, o vocábulo de raízes latinas *transculturação* proporciona um termo que não contém a implicação de certa cultura para a qual tem que tender a outra, senão uma transição entre duas culturas, ativas, com grandes contribuições e ambas cooperantes ao advento de uma nova realidade de civilização”.

característicos: primeiro, o uso do material linguístico, o qual, num primeiro momento serviu como prova de independência cultural – pense-se na escrita regionalista e seus termos dialetais “realistas” – que, logo depois, com os modernistas, enfrentará a procura de uma escrita autóctone, para posteriormente passar aos narradores transculturadores, que conseguem conciliar essas duas perspectivas, forjando uma língua americana própria.

O segundo traço é a estruturação literária, que funciona para os escritores transculturados como mecanismo para aprofundamento de assuntos além do linguístico. Considere-se que as formas modernistas representavam todo um horizonte estilístico, alheio ao viés tradicional das escrituras regionalistas, e que os transculturadores são os que conseguem conciliar essas duas perspectivas frente à modernização.

O terceiro desses traços é a cosmovisão, na conceituação de Rama, pois nela se encerram os sentidos ideológicos, os valores e os ideais da cultura. Nesse sentido, a desculturação que sofreu a tradição regionalista com a incorporação das ideias modernistas foi contraditória, pois foi violenta e, ao mesmo tempo, enriquecedora.

Ante as formas modernas, os narradores transculturadores procuraram resgatar suas tradições com um olhar conciliador entre fontes culturais e formas estéticas. Dessa forma, o contato com as formas externas permitiu a valorização das formas internas. Para Rama, os produtos culturais que resultam desse contato cultural com a modernização não podem se assemelhar às criações urbanas, nem às formas regionalistas precedentes:

el desafío mayor de la renovación literaria, que le fue presentado al regionalismo, sería el de lograr la capacidad de resguardar un importante conjunto de valores literarios y tradiciones locales, aunque para lograrlo debió transmutarse y trasladarlos a nuevas estructuras literarias, equivalentes pero no asimilables a las que abastecieron la narrativa urbana en sus plurales tendencias renovadoras. Vió que si se congelaba en su disputa con el vanguardismo y el realismo-crítico, entraría en trance de muerte. La menor pérdida sería el haz de formas literarias (habida cuenta de su perenne transformación), y la mayor, la extinción de un contenido cultural amplio que sólo mediante la literatura había

alcanzado vigencia aun en los centros urbanos renovados, cancelándose así una eficaz acción destinada a integrar el medio nacional en su período de creciente estratificación y de rupturas sociales. (RAMA, 1982, p. 26)⁴⁷

Segundo Flavio Aguiar (2013), os movimentos vanguardistas se fazem notáveis no começo dos anos 1920:

(...) primeiro pela poesia, sua releitura do passado abriu espaço para que se questionassem os regionalismos e as formas das narrativas anteriores, marcadamente herdeiras do naturalismo francês. O questionamento provocou uma redefinição desses regionalismos e realismos em toda a América Latina, abrindo o caminho para autores que se formaram literariamente antes ou durante a Segunda Guerra Mundial, e que atingiram o apogeu de sua criatividade depois dela e durante a Guerra Fria, realizando uma grande revolução, de dimensões continentais, na *intelligentsia* literária da América Latina. (AGUIAR, 2013, p.40)

Para Rama, destaca Flavio Aguiar (2013), a geração de autores como Guimarães Rosa, José María Arguedas, Juan Rulfo e García Márquez consolidou uma consciência regional-universal, transculturadora do conceito de literatura e, por conseguinte, de cultura latino-americana. Rama veria nesses autores os “transculturadores” da literatura latino-americana.

Seguindo esse aparato conceitual, o crítico uruguaio, a partir de *Rubén Darío y el modernismo (circunstancia socioeconómica de un arte americano)* (1970), veria os movimentos que dariam ao processo literário hispânico um ritmo performativo comum, que ele reconheceria como “irrupções da modernidade”. O conceito modernidade se converteria, então, no espaço predileto das culturas primeiro hispânicas e logo depois latino-americanas, na sua força inspiradora e, ao mesmo tempo, no limite que definiria,

⁴⁷ “O maior desafio da renovação literária, que foi apresentado ao regionalismo, será o de ter a capacidade de resguardar um importante conjunto de valores literários e tradições locais, ainda que, para conseguí-lo tenha que se transformar e modificar a novas estruturas literárias, equivalentes porém não assimiláveis às que abasteceram as narrativas urbanas em suas plurais tendências renovadoras. Viu que se congelasse na disputa entre o vanguardismo e o realismo-crítico, entraria em decadência. A menor perda será a base de formas literárias (considerando a sua permanente transformação), e a maior, a extinção de um conteúdo cultural amplo que só mediante a literatura tinha conseguido vigência ainda nos centros urbanos renovados, cancelando assim uma ação eficaz destinada à integrar o meio nacional em seu período de crescente estratificação e de rupturas sociais.”

durante dois séculos, as inclusões e exclusões, as reinvenções do futuro e as remodelações do passado:

Al liberar a la poesía hispánica de los rezagos románticos y de las servidumbres naturalistas, conquista algo imprevisible que ya se habían propuesto vanamente los románticos, y que es sin duda algo trascendental para la cultura del continente: la primera independencia poética de América que por él y los modernistas alcanza la mayoría de edad respecto a la península madre, invirtiendo el signo colonial que regía la poesía hispanoamericana. (RAMA, [1970], 1985, p.10)⁴⁸

Em “Las máscaras democráticas del modernismo” (1985a), obra póstuma, Rama caracteriza as principais irrupções da modernidade: a mais antiga irrupção é a do século XIX, que começa com os processos de independência e de procura de uma autonomia cultural e culmina no Modernismo hispano-americano (parnasianismo e simbolismo no Brasil como o estuda o Candido) na transição ao século XX. Uma segunda irrupção se dá depois da Segunda Guerra Mundial; é a etapa de transculturação do romance, que, segundo Rama, abre o espaço narrativo para a recuperação das dimensões míticas da memória, das narrativas orais ou imemoriais, que indagam no imprevisível entre a experiência individual e sua rearticulação coletiva.

Para Rama, esse será o caminho comum de grandes narrativas, como *Grande Sertão Veredas*, *Pedro Páramo*, *Cien años de soledad* e *Los rios profundos*. Narrativas como essas articulam, no plano do romance, uma peculiaridade determinante, mas não exclusiva, das culturas e das sociedades latino-americanas, que consiste na dramática construção de fronteiras de exclusão entre um passado de tudo aquilo que não fez parte dos processos de modernização social, literária e cultural, liderados pelas classes dominantes, e a recuperação desse conhecimento arcaico descartado no plano da memória coletiva.

⁴⁸ “Ao liberar a poesia hispânica das defasagens românticas e das servidões naturalistas, os modernistas conquistam algo imprevisível que já se tinham proposto vagamente os românticos, e que é sem dúvida algo transcendental para a cultura do continente: com a primeira independência poética da América os modernistas conseguem a sua maioridade em relação à península mãe, invertendo o signo colonial que regia a poesia hispano-americana”

Como se tem tentado demonstrar, dois conceitos são fundamentais na obra de Candido, na sua relação com Rama: o de “sistema literário” e o de “supra-regional”. Tais conceitos dão força teórica ao projeto latino-americanista do autor uruguaio, pois, enquanto Candido privilegiava os aspectos políticos e econômicos na *FLB*, no caso de Rama esses conceitos são interpretados num horizonte antropológico e etnográfico, graças à contribuição de Darcy Ribeiro. Essa proposta teórica tem seu maior ganho em TN:

Un libro en el que Rama epitomiza las ideas de Candido y, simultáneamente, construye su crítica al adoptar otro punto de mira, en base a las ideas de originalidad, autenticidad y representatividad. Con ellas, y ahora pasando del concepto de “aculturación”, tomado de la antropología inglesa y que usara en 1972, al de “transculturación” (es decir, de la pérdida de rasgos propios de una cultura a la mezcla, el pasaje y la hibridación de las formas sociales y culturales), regionaliza América Latina poniendo en tensión lo universal y lo local, vanguardia y criollismo, modernización otra y modernización propia. (ROCCA, 2006, p. 239)⁴⁹

2.4 Biblioteca Ayacucho: um precedente latino-americano

Considerar a América Latina, ao mesmo tempo, como unidade e alteridade, refletindo sobre as mudanças históricas, culturais e sociais do continente, a partir de locais discursivos diferenciados, mas com um viés político e intelectual comum ligado à transformação social dos povos que a constituem, será o projeto fundador da Biblioteca Ayacucho, que neste ano completou quarenta anos. A relevância de uma obra como essa, dentro do projeto latino-americanista de Rama, “diretor literário” da Biblioteca, é fundamental quando se considera sua ânsia por “construir uma literatura” ou se quer um “sistema literário” que envolva a distribuição de obras, a criação de um público leitor e a legitimação de uma tradição própria, esboçada nas obras de autores latino-americanos.

⁴⁹ “Um livro em que Rama potencializa as ideias de Candido e, simultaneamente, constrói a sua crítica ao adotar um outro ponto de vista, baseado nas ideias de originalidade, autenticidade e representatividade. Com elas, e agora passando do conceito de “aculturación”, tomado da antropologia inglesa e que usará em 1972, ao de “transculturación” (quer dizer, da perda de traços próprios de uma cultura à miscigenação, a passagem e a hibridação das formas sociais e culturais), regionaliza a América Latina, tensionando o universal e o local, a vanguarda e o crioulismo, a modernização outra e a modernização própria”

A Biblioteca Ayacucho considera cada um dos lugares do “sistema literário” proposto por Candido, – obra e meios de produção, autores e público – mas com um prisma continental. Nesse projeto editorial se vê o resgate das culturas do continente interpretadas criticamente, projetando-se, desde a sua constituição, como um precedente na história intelectual latino-americana, considerando as circunstâncias difíceis, que já se tem mencionado, nos anos da sua fundação (1974).⁵⁰

As obras que constituem o acervo editorial da Biblioteca Ayacucho compartilham algumas características especiais no seu olhar latino-americanista. As edições das obras escolhidas, sendo todas de autores latino-americanos, vinham precedidas de um prólogo crítico escrito por algum dos maiores intelectuais da época do continente. Com isso, pretendia-se, primeiramente, contextualizar a obra, primeiro dentro da tradição latino-americana; em segundo lugar, buscava-se dar ênfase à sua contribuição no projeto integrador dentro do continente; em terceiro, procurava-se realçar seu aporte na tradição intelectual dentro da qual participavam mais diretamente; e, em quarto, visava-se estabelecer um diálogo entre os maiores pensadores da América Latina. Há que se considerar que os campos temáticos não estavam restritos à literatura, pois se estendiam a todos os campos da cultura, incluindo estudos sociais, históricos, políticos, antropológicos, econômicos e artísticos, entre outros.

Segundo Haydée Ribeiro Coelho (2013), Antonio Candido e Darcy Ribeiro foram os maiores representantes do Brasil na formação da Biblioteca Ayacucho, projeto esse de dimensão continental, financiado pelo governo venezuelano. Seguindo a leitura da crítica mencionada, o papel desses autores brasileiros não foi fundamental apenas

⁵⁰ Pode-se destacar neste aspecto alguns estudos como: JITRIK, Noé. In: COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *Las memorias de la memoria*. El exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

para a escolha das obras brasileiras que participariam originalmente da Biblioteca,⁵¹ pois estes também participaram elaborando os prólogos de algumas das obras escolhidas, como *As Memorias de un sargento de milicias* e *Ensayos literarios* – compêndio da obra de Silvio Romero – que tiveram prólogo de Candido. Darcy Ribeiro, por sua vez, elaborou os prólogos de *Casa-Grande y Senzala* e de *La fundación de Brasil (Testimonios: 1500-1700)*. Como autores, Candido publicou na biblioteca *Crítica radical* e Darcy Ribeiro *Las Américas y la civilización*. Nesse sentido, Rama apareceu como editor de mais de dez obras que compõem a biblioteca, destacando-se os prólogos à obra de Rubén Darío, *Poesía*; à seleção *Poesía gauchesca*; e, como autor, publicou *La crítica de la cultura en América Latina*, um compendio póstumo das suas maiores produções críticas.

Em carta de José Ramón Medina a Darcy Ribeiro, datada de 10 de fevereiro de 1984, pode-se ler a projeção da biblioteca Ayacucho no continente:

[...] desde sua origem, foi uma empresa de cultura venezuelana, mas de projeção eminentemente latino-americana por sua fidelidade aos ideais que inspiram seu histórico nome. Assim o demonstra uma centena de títulos que foram editados até o presente, os quais representam uma seleção de autores e de obras fundamentais nas variadas disciplinas das letras, da filosofia, da história, do pensamento político, a antropologia, a arte, o folclore e outros [...] Ayacucho é um lugar de clássicos literários e filosóficos e antropológicos (MEDINA *apud* COELHO, 2010, p. 97).

Candido confere o mesmo destaque em “Uma visão latino-americana” (1991): “foi uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu

⁵¹ Os volumes, dedicados à literatura, à cultura e às artes brasileiras serão publicados nas décadas de 1970 e 1980. Estes foram: *Casa-grande & senzala*, 1977 (v. 11); *Memórias de un sargento de milicias*, de Manuel Antonio de Almeida, 1977 (v. 25); *Cuentos, de Joaquim M. Machado de Assis*, 1978 (v. 33); *Arte y arquitectura del Modernismo Brasileño (1917-1930)*, 1978 (v. 47); *Dos novelas* (Recuerdos del escribiente Isaías Caminha y El triste fin de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, 1978 (v. 49); *Quincas Borba*, de Machado de Assis, 1979 (v. 52); *Obra Escogida*, de Mario de Andrade, 1979 (v. 56); *Los sertones*, de Euclides da Cunha, 1980 (v. 79); *Obra Escogida*, de Oswald de Andrade, 1981 (v. 84) e *Ensayos Literarios*, de Silvio Romero, 1982 (v. 93).

num projeto desse tipo em proporção adequada” (CANDIDO *apud* ROCCA, 2006, p. 237).

Na Biblioteca Ayacucho, as obras e os seus prefácios eram traduzidos e publicados em espanhol. Lamentavelmente, não se considerou realizar o projeto bilíngue. Contudo, a abertura às produções brasileiras foi grande: dos primeiros 100 exemplares, 10 foram para a intelectualidade brasileira e se pretendia que, dos 500 que compreenderia a biblioteca originalmente, 100 fossem brasileiros. Em carta de Ángel Rama a Antonio Candido, datada em 26 de janeiro de 1983, Rama dá conta do seu interesse por envolver ainda mais obras brasileiras no acervo da biblioteca:

Los 20 tomos brasileños estaban calculados para los primeros 100 tomos (¡y sólo aparecieron 10!) de modo que ya te estoy pidiendo que sugieras nuevos tomos y preparadores visto nuestro atraso en el plan. En los 500 no menos de 100 deben ser brasileños. Estoy metido en el novecentismo brasileño, maravillado con Cruz e Souza (¿quién podría traducirlo?), divertido con João do Rio, entusiasmado con la pintura de Visconti. ¡Quién pudiera tener 800 años para leer toda la literatura brasileña! (RAMA *apud* ROCCA, 2006, p. 74)⁵²

De fato, a contribuição de Candido confere destaque quando se pensa que a primeira obra brasileira a ser publicada foi o romance de Manuel Antonio de Almeida, com prólogo do crítico brasileiro, no qual repassa as mesmas categorias que já tinha elaborado em “Dialética da malandragem”. Essa obra é acompanhada por uma nota de rodapé que remete ao texto de Walnice Nogueira Galvão, relacionando o romance de Almeida com *Macunaíma*. Sobre esse aspecto, Haydée Ribeiro Coelho destaca:

A associação entre *Memórias de um sargento de milícias* e *Macunaíma* institui um jogo de temporalidades no âmbito da apresentação da história literária brasileira que, mostrada de forma não linear para o leitor hispano-americano, situa-o na encruzilhada de vários aspectos culturais e literários brasileiros. Cria, ainda, uma expectativa para uma futura publicação do livro de Mário de Andrade na Biblioteca Ayacucho. (COELHO, 2013, p. 128)⁵³

⁵² “Os 20 exemplares brasileiros estavam calculados para os primeiros 100 exemplares (e só apareceram 10!) de modo que já estou pedindo que sugira novos exemplares e preparadores, visto nosso atraso no plano. Nos 500 não menos de 100 tem que ser brasileiros. Estou enfiado no novecentismo brasileiro, maravilhado com Cruz e Souza (quem poderia traduzí-lo?), divertido com João do Rio, entusiasmado com a pintura de Visconti. Quem pudera ter 800 anos para ler toda a literatura brasileira!”

⁵³ O destaque é meu.

A Biblioteca Ayacucho representou, para os intelectuais exilados, a possibilidade de se integrar no projeto latino-americano. Ao deixar para trás a visão linear de história, possibilitou a releitura de uma tradição e a sua discussão com as problemáticas da época. A tradução das obras brasileiras para o espanhol abriu as portas, para o mundo hispânico, da cultura brasileira, estabelecendo um diálogo continental e afirmando um sistema literário para América Latina. Contudo, o fato de as publicações serem impressas em espanhol, ainda que com conteúdos brasileiros, em alguns casos, manteve as portas fechadas em direção contrária. De fato, a Biblioteca Ayacucho não conseguiu estabelecer um público no Brasil. Isso significa que, lamentavelmente, é muito mais forte a presença do Brasil na Biblioteca Ayacucho do que a dessa instituição no país.

Considerações finais

Leitores críticos da experiência latino-americana, Ángel Rama e Antonio Candido concebem a literatura como um corpo orgânico, no qual se expressa uma cultura. Os dois insistem que o texto literário dialoga com as circunstâncias sócio-históricas e culturais de seu aparecimento. Isso lhes permite formular a hipótese segundo a qual a literatura é um sistema integrado que se nutre do constante diálogo ente o autor, a obra e o público.

Desde muito cedo, Rama esteve ciente de que os conceitos com os quais Candido analisava seu país, como “formação” e “sistema literário”, extrapolavam a ideia do nacional, uma vez que propunham ferramentas interpretativas para analisar os processos de formação de literaturas em condições similares às da formação do Brasil, como as da América Hispânica. Por sua vez, ao considerarem condições históricas, sociais e culturais comuns, as teorizações de Candido são abrangentes para se pensar a formação de uma literatura para a América Latina. Esses intelectuais, cientes do papel da literatura como uma prática social entre outras, propõem, de um lado, a compreensão dos fatores de produção, do modo de circulação da obra, bem como da forma do material verbal e da sua recepção; mas, por outro lado, também participam ativamente, em todas as instâncias do sistema literário, na consolidação de um sistema literário latino-americano.

Partindo das obras de Antonio Candido e de Darcy Ribeiro, Rama reuniu os elementos que lhe permitiram refletir sobre a cultura e a literatura no continente, desenvolvendo conceitos como “comarca cultural” e “transculturação narrativa”. Com esses conceitos, Rama renovou a crítica sobre o período modernista na América, traçando seu enfoque desde uma perspectiva cultural. Pode-se afirmar que essa renovação crítica para as literaturas latino-americanas é teoricamente indissociável do

Brasil, tanto pelos pressupostos metodológicos quanto pela sua concepção da literatura como sistema literário em dimensão latino-americana.

Esse fato permite pensar na equivalência existente entre os processos intelectuais do Brasil e da América Hispânica, o que se faz visível no entrecruzamento dos enfoques teóricos que implicam problemas comuns de ambos os universos culturais. As obras de Rama e Candido se concentram no momento de formação de suas respectivas literaturas: a brasileira, que culmina seu período de formação com os românticos, articulada à universalidade dos grandes problemas sócio-culturais da época, e a latino-americana, concentrada no momento modernista em que se consolida uma língua literária capaz de abrigar as inflexões e diferenças regionais na elaboração literária do imaginário moderno.

Nessa perspectiva, no modernismo, hispano-americano e brasileiro, integra-se o Brasil, pela primeira vez, à literatura latino-americana, sob uma estética e uma problemática cultural comum, como demonstra Rama. É verdade que as reflexões de Candido e Rama transitam por caminhos heterogêneos, mas estes confluem numa tarefa comum: a formação de uma literatura que, para cada um, será mediada pelas particularidades sociais e culturais que imperam no continente. Rama, nesse processo, apresenta uma visão continental cultural que lhe permite superar as tradições nacionalistas para fornecer à América Latina uma cartografia de índole cultural, que inclui o Brasil.

O projeto de formação de uma literatura latino-americana de Rama, até os dias atuais, mantém-se em constante construção. A América Latina não chegou a se converter num projeto para Candido. Contudo, foi ele e Darcy Ribeiro que deram o aporte brasileiro ao projeto de Rama. Esse viés teve grande importância, considerando-se as posteriores leituras sobre a América Latina, que, desde o modernismo, consideram

os processos culturais comuns no continente. Graças ao seu diálogo intelectual, Candido e Rama conseguiram interpretar, num patamar literário, filosófico e científico, tanto o significado do regionalismo literário como o papel que exercem o escritor, a tradição e o cidadão na configuração de um sistema literário. Nesse sentido, a contribuição de Ribeiro no projeto de Rama foi fundamental por contribuir para o aprofundamento da sua visão cultural sobre o continente, proporcionando-lhe categorias antropológicas para estudar o fenômeno literário, e por ampliar sua perspectiva sobre a América Latina, possibilitando-lhe pensá-la como um todo.

Dentro do projeto, idealizado por Rama, de construir uma literatura plural para a América Latina, a Biblioteca Ayacucho representou o seu maior alcance. Essa obra considerou cada uma das instâncias culturais e procurou ligar todas as expressões culturais do continente, vinculando, dentro do seu projeto político e histórico, os maiores intelectuais do continente, destacando-se o trabalho dos exilados e seu interesse por se integrarem ao projeto latino-americanista. Contudo, a Biblioteca Ayacucho não conseguiu estabelecer um público no Brasil, ao legitimar a distancia linguística considerando o projeto só em língua espanhola, com o qual não desenvolveu plenamente o projeto latino-americanista do crítico uruguaio.

Esta dissertação procurou fazer uma revisão crítica do papel desses críticos e de seus conceitos na formação de uma literatura latino-americana plural e diversa que incluísse o Brasil em seu sistema literário. Compete a nós, profissionais da Literatura, considerar a reescrita de nossa história literária comum, para, com isso, re-valorizar nossa literatura e compreender a vigência de projetos de integração cultural tão caros como o de Rama, com vistas a derrubar as fronteiras culturais que nos mantêm tão alheios, mesmo sendo tão parecidos, como reflexo de nossa situação histórica, política e social

Referências bibliográficas

AGUIAR, Flávio. Ángel Rama e Antonio Candido: de um encontro feliz a uma nova realidade crítica na América Latina. In: AGUIAR, F. & RODRIGUES, J. (Orgs.) *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 33-45.

AGUILAR, Gonzalo. Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo. In: ANTELO, Raul (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Serie Críticas, 2001. p.71-94.

ANDRADE de, Mario. Um sul-americano. In: *Vida literária*. São Paulo: Editora USP, 1993. p. 294-295.

ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, B & ARANTES, E. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 7-66.

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ARNT, Gustavo. Antonio Candido uma crítica de vertentes. *Revista Água Viva*, v. 1. n. 1, p. 5-19, 2010.

BANDEIRA, Manuel. *Literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

BOMFIM, Manuel. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*. *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, n. 8, São Paulo, USP, p. 67-89, 1970.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. Literatura espelho de América? *Remate de Males*. Número especial: *Antonio Candido*, p. 105-113, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: *A Educação Pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006a. p.140-163.

CANDIDO, Antonio. O olhar crítico de Ángel Rama. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a. p. 140-147.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Ser jagunço em Guimarães Rosa. *Revista Iberoamericana de literatura*, n. 2, p. 61-70, 1970.

CASTRO, João. Formação hoje: uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor. In: CORDEIRO, Rogeiro. *et alli* (Orgs.) *A crítica literária brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. p. 181-206.

COELHO, Haydée Ribeiro. Arturo Ardao e a integração latino-americana. In: ARDAO, Arturo. *A hora do Canadá*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 15-26.

COELHO, Haydée Ribeiro. O Brasil na Biblioteca Ayacucho: vertente literária e cultural. *O eixo e a roda*, v. 18, n. 2, p. 85-103, 2010.

COELHO, Haydée Ribeiro. O papel do intelectual, a cultura e a Biblioteca Ayacucho. In: Aguiar F. & Rodrigues, J. (Orgs.) *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 119-135.

COSTA LIMA, Luis. Concepção da história literária na Formação. In: COSTA LIMA, Luis. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.149-166.

COUTINHO, Afranio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

CUNHA, Roseli Barros. A transculturação narrativa de Ángel Rama: algumas de suas influências e intercâmbios. In: AGUIAR, F. & RODRIGUES, J. (Orgs.) *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 137-148.

CUNHA, Roseli Barros. Das configurações histórico-culturais à Transculturação narrativa na América Latina: o encontro de Darcy Ribeiro e Ángel Rama. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 35-57, 2005.

CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação Narrativa, seu percurso na obra de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas, 2007.

GARRAMUÑO, F. & AMANTE, A. Partir de Candido. In: ANTELO, Raul (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Serie Críticas, 2001. p. 95-117.

GUTIÉRREZ, Rafael. *Hispanoamérica: imágenes e perspectivas*. Bogotá: Temis, 1986.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Caminos de nuestra historia literaria. In: HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1989. p. 46-88.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Seis ensayos en busca de nuestra expresión*. Buenos Aires: Editorial Babel, 1928.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Las corrientes literarias en la América Hispánica*. Bogotá: Fondo de cultura económica, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introducción. In: ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Havana: Editorial de ciencias sociales, 1983. p. XII.

MARIACA, Guillermo. El canon de la modernidad: Ángel Rama. In: MARIACA, Guillermo. *El poder de la palabra: la crítica cultural hispanoamericana*. Santiago: Tajamar Editores, 2007, p. 70-82.

MORAES, Anita. Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antonio Candido nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa. *Itinerários*, n. 30, p. 65-84, jan.-jun. 2010.

NABUCO, Joaquim. *Essencial*. São Paulo: Penguin, 2010.

OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. Angel Rama e Antonio Candido: confluências do olhar. In: BRANDÃO, L & PEREIRA, M.(orgs.) *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 97-104.

ONG, Walter. *Oralidad y escritura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Havana: Editorial de ciencias sociales, 1983.

PADILLA, Iván. Historicismo literario y americanismo católico hispanizante en las historias de la literatura del siglo XIX. In: ACOSTA, Carmen (ed.) *Representaciones, identidades y ficciones: lectura crítica de las historias de la literatura latinoamericana*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2010. p. 123-188.

PAZ, Octavio. *Puertas al campo*. Barcelona: Seix Barral, 1972.

RAFAEL, Luis. *Fernando Ortiz tercer descubridor de Cuba*. Disponible em: <http://cvc.cervantes.es/el_rinconete/anteriores/abril_06/04042006_01.htm>. Acceso em: 10 abr. 2013.

RAMA, Ángel. Diez problemas para el novelista latinoamericano. In: RAMA, Ángel. *La novela en América Latina: panoramas 1920-1980*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986.

RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

RAMA, Ángel. La construcción de una literatura. In: ANTELO, Raúl (ed.) *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Universidad de Pittsburg, 2001. p. 21-34.

RAMA, Ángel. *La novela en América Latina: panoramas 1920-1980*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986a.

RAMA, Ángel. Las dos vanguardias latinoamericanas. *Maldoror*, 9, p. 53-64, 1973.

RAMA, Ángel. *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1985a.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. *Nueva Sociedad*, n. 35, p. 5-15, mar. 1978. Disponible em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/406_1.pdf>. Acceso em: 15 nov. 2012.

RAMA, Ángel. Medio siglo de narrativa latinoamericana (1922-1972). In: RAMA, Ángel. *La novela en América Latina: panoramas 1920-1980*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986a. p. 114-128.

RAMA, Ángel. Norberto Fuentes: el narrador en la tormenta revolucionaria. In: *Literatura y clase social*. Buenos Aires: Folios, 1983. p. 140-164.

RAMA, Ángel. *Novísimos narradores hispanoamericanos en Marcha, 1964-1980*. México: Marcha Editores, 1981.

RAMA, Ángel. Política y naturaleza de los exilios latinoamericanos. *Cuadernos de Marcha*, 2da. Época, n. 8, p. 76-80, jul.-ago. 1980.

RAMA, Ángel. Reinaldo Arenas al ostracismo. *Eco*, n. 231, p. 332-336, jan. 1981a.

RAMA, Ángel. *Rubén Darío y el modernismo*. Caracas: Alfadil, 1985.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982.

RAMA, Ángel. Un proceso autonómico: de las literaturas nacionales a la literatura latinoamericana. In: RAMA, Ángel. *Literatura cultura y sociedad en América Latina*. Montevideo: Trilce, 2006. p. 110-122.

RIBEIRO, Darcy. *Configuraciones histórico-culturales americanas*. Montevideo: Centro de Estudios Latinoamericanos, 1972.

RIBEIRO, Darcy. La civilización emergente. *Nueva Sociedad*, n.73, p. 26-37, jul.-ago. 1984.

ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. 2006. Tese de Doutorado (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROCCA, Pablo. Antonio Candido, cultura, pensamento, sociedade. In: AGUIAR F. & RODRIGUES, J. (Orgs.). *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 67-78.

ROCCA, Pablo. Notas sobre el diálogo intelectual Rama/Candido. In: ANTELO, Raul (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 2001. p. 47-67.

ROJO, Grínor. Angel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. *Caligrama*, n. 12, p. 7-33, 2007.

SARLO, Beatriz. La literatura de América Latina: unidad y conflicto. *Punto de vista: Revista de cultura*, ano 3, n. 8, p. 3-4, 1980.

SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas. *Estudos avançados* 7, n. 17, p. 185-200, jan.-abr. 1993.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos salvo engano de Dialética da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 129-156.

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: AGUIAR, Flavio (Ed.). *Antonio Candido: Pensamento e militância*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 82-95.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b. p. 86-105.

TYNIÁNOV, Jury. (1927) 2009. *Sobre la evolución literaria*. Disponível em: <<http://teorialiteraria2009.files.wordpress.com/2009/04/tinianov-juri-sobre-la-evolucion-literaria.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2012.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

VERÍSSIMO, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ZANETTI, Susana. Ángel Rama y la construcción de una literatura latinoamericana. *Revista Ibero-Americana*, v. LVIII, n. 160-161, p. 919-932, jul.-dez. 1992.